

PLÍNIO SOUSA

# SEMANAL SUBSTITUIÇÃO



Instituto Reformado **Santo Evangelho**

PLÍNIO SOUSA

# ANUAL SUBSTITUIÇÃO



Instituto Reformado **Santo Evangelho**

Copyright © Instituto Reformado **Santo Evangelho** 2020.

### ENDEREÇO PARA **CORRESPONDÊNCIA**

Instituto Reformado Santo Evangelho – IRSE.

Rua Pará, 390, Quadra 19, Lote 04 - Presidente Kennedy.

Luziânia - GO – CEP: 72.810 - 540.

Atendimento [WhatsApp]: (61) 9 9685 - 5970.

E-mail: [isantoevangelho@gmail.com](mailto:isantoevangelho@gmail.com)

Você não tem permissão de livre uso desse material – Proibida a reprodução deste livro por quaisquer meios, sem a permissão escrita do editor ou autor, salvo em breves citações, com indicação da fonte, pede-se somente que cite o Instituto Reformado Santo Evangelho juntamente com o autor como fonte, bem como os links dos sites [www.santoevangelho.com.br](http://www.santoevangelho.com.br) e [www.irse.com.br](http://www.irse.com.br). Caso você tenha encontrado esse livro em sites de downloads de livros, denuncie através do e-mail [isantoevangelho@gmail.com](mailto:isantoevangelho@gmail.com). É vedada absolutamente a venda desse material. Todos os direitos reservados ao Instituto Reformado Santo Evangelho – IRSE.

**SUBSTITUIÇÃO PENAL***Propiciação — Hilastērion<sup>1</sup>.**Definição do substantivo e comentários.*

Quanto ao termo “*propiciação*” (hilastērion<sup>2</sup>) — Redenção<sup>3</sup>. A preposição “hyper”, que significa “para”, “ao invés de”, “no lugar de”, “em nome de”, “no interesse de”, “para o benefício de”, é empregada por Paulo em conexão com a morte de Cristo nas passagens cruciais e em Gálatas 3:13 e 1 Coríntios 15:3 (cf. seu emprego em 1 Coríntios 15:29; 2 Coríntios 5:20; Filemom 13; 1 Timóteo 2:6; Marcos 10:45; João 10:11; 11:50; Romanos 16:4<sup>4</sup>). Outras passagens que ressaltam a natureza sacrificial, penal, representativa e substitucionária da morte de Cristo sem empregar as palavras “cruz” ou “crucificar” são Romanos 5:10, 11, 18; 8:1 e seguintes; 1 Coríntios 11:24, 25; 2 Coríntios 5:19 e seguintes; Efésios 1:7; 2:13 — Sangue — Reconciliação — Redenção<sup>5</sup>.

*Sobre Gálatas 3:13*<sup>6</sup> — Paulo voltou à discussão da maldição da Lei levantada pela introdução da citação bíblica no versículo 10. O princípio rabínico de *gezerah shawah*’ (veja o versículo 12) permitiu que ele interpretasse Deuteronômio 27:26 (citado em Gálatas 3:10) à luz de Deuteronômio 21:23 (citado em Gálatas 3:13). A solução para o

---

<sup>1</sup> Romanos 3:25, palavra grega “hilastērion” não significa “propiciação”?

<sup>2</sup> Strong — 2435 — “hilastērion” (de um derivado de 2433; TDNT – 3:318, 362) — [1] – que se relaciona com uma “conciliação” ou “expição”, obter “aplacamento” ou “poder expiador”, “expiatório”; “forma de conciliação” ou “expição”, “propiciação”; [1a] – usado para referir-se à cobertura da arca da aliança no Santo dos Santos, aspergida com o sangue da vítima expiatória no dia anual de expiação (este rito significava que a vida do povo, a perda merecida por causa de seus pecados, era oferecida a Deus através do sangue da vítima (sangue simbolizava vida), e que Deus por esta cerimônia estava apaziguado e os pecados do povo expiados); por isso a tampa da expiação, o propiciatório; [1b] – um sacrifício expiatório; [1c] – uma vítima expiatória (p. 1415).

<sup>3</sup> Cf. L. Morris, *The Apostolic Preaching of the Cross*, 1955, 125 – 185.

<sup>4</sup> Cf. L. Morris, *op. cit.*, 59.

<sup>5</sup> Lothar Coenen [Dr. Theol.] e Colin Brown [M.A., B.D., Ph.D.], *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*, Edições Vida Nova, p. 483.

<sup>6</sup> Novo Comentário Bíblico Beacon, Gálatas, p. 244 – 248.

problema da Lei não era exegético, mas escatológico. Isto é, as convicções de fim dos tempos de Paulo sobre o que a vinda de Cristo acarretava, não uma óbvia necessidade explanatória, determinava suas conclusões. Suas “conclusões” exegéticas dependiam de suas pressuposições. No Novo Testamento, o raro verbo redimiu (“*exēgorasen*”) descreve a obra de salvação de Cristo apenas neste versículo e em 4:5 (usado de forma diferente em Efésios 5:16; Colossenses 4:5). Redenção envolve comprar de volta no sentido de libertar cativos ou escravos<sup>7</sup>. Em 3:13, Paulo deixa implícito que “*o sinônimo mais revelador*” de justificar é “*livrar da escravidão*”<sup>8</sup>. O ponto da linguagem da redenção é que a morte salvadora de Cristo liberta as pessoas. Cristo os liberta, libera e livra de qualquer coisa que os mantenha cativos. O Raptor da humanidade personificado incluía nossos pecados e a atual era perversa (1:4), que custa a vida de Cristo (1:4; 2:20). Em sua morte na cruz, Ele nos livrou “*da maldição da Lei*”. Essa vergonhosa morte significa que Cristo “*tornou-se maldição em nosso lugar*”. A construção genitiva “*a maldição da Lei*”, exige esclarecimento. A palavra “maldição” descreve “*os resultados de pronunciar palavras que ameaçam desastres e destruição por retribuição divina*” (comentário em 1:6 – 9<sup>o</sup>). A Lei personificada lança uma maldição (genitivo subjetivo) sobre

---

<sup>7</sup> BDAG, p. 343; para uma melhor análise veja o comentário em 4:21 — 5:1 – Por trás do texto em Novo Comentário Bíblico Beacon.

<sup>8</sup> Martyn, 1997, p. 388.

<sup>9</sup> Após a saudação inicial, em todas as outras cartas de Paulo a comunidades, aparece uma ação de graças/bênção. A falta dela aqui pode ter sido notada pelos primeiros ouvintes da carta. Ações de graças epistolares em cartas antigas serviam tipicamente como retórica exordial, introduzindo e antecipando questões chave da carta. Essa ausência de ação de graças tinha a mesma função. Paulo expressou surpresa diante das tristes mudanças que ocorreram nas Igrejas gálatas. Ele as afirmou com sutileza no começo, presumindo que o seu público original já sabia o suficiente. Ele as caracterizou negativamente, com uma linguagem alterada emocionalmente e metáforas de deserção, conversão, confusão, perversão e maldições. A “deserção” aplicada aos gálatas pode refletir metáforas militares. Todavia, em uma literatura grega, era mais costumeiro referir-se a mudar de lado politicamente (Polybius 24.9.6) ou filosoficamente (Diogenes Laertius 7.1.37; 4.166). Uma deserção religiosa completa envolvia apostasia (2 Mac. 4:46; 7:24; 11:24; Sir. 6.9; Ant. 20.38; Vida 195; veja BDAG, p. 642; Dunn, 1993, p. 39, 40). Paulo ficou admirado pelo que os gálatas estavam fazendo. Todavia, ele direcionou a sua ira aos agitadores que estavam provocando a deserção deles. Algo que é “*anathema*” é “*amaldiçoado*”. A LXX usa o termo para traduzir a palavra hebraica “*harem*” – algo dedicado a Deus para destruição (Levítico 27:28, 29; Deuteronômio 7:26; 13:17; Josué 6:17, 18; 7:1; Behm, 1964a, p. 354, 355). “O corpo todo da carta está cercado” pela “maldição

aqueles que não a obedecem completamente. Isso expressa, de forma sucinta, o que Paulo argumentaria extensivamente em Romanos 1:18 — 3:20. Todos nós somos culpados diante de Deus (5:18) de sermos pecadores responsáveis (3:23), merecedores do julgamento divino. Mas somos abençoados porque Cristo foi amaldiçoado. Paulo frequentemente descrevia a salvação trazida em termos de lógica de inversão de papéis. Uma variedade de metáforas em suas cartas expressam o tema recorrente de que a salvação é uma troca divina, em que os ativos de Cristo são dados em trocados déficits do homem — cf. Romanos 8:3, 4; 1 Coríntios 1:21 – 23; 2 Coríntios 4:14 – 21; 8:9; Gálatas 2:19; 4:4, 5; Filipenses 2:6 – 9; 3:20, 21; 1 Tessalonicenses 5:10; 2 Timóteo 2:11. Em Gálatas 3:13, Paulo declarou que Cristo nos liberta da maldição da Lei quando *“se tornou maldição em nosso lugar”*. “Tornar-se maldição” é “tornar-se amaldiçoado” (Jeremias 24:9; 42:18; Zacarias 8:13<sup>10</sup>). Na cruz, Cristo *“suportou a penalidade extrema para quem quebrasse a Lei, morte sob a maldição de Deus, que era nossa por direito”*<sup>11</sup>. Deus suportou a maldição da Lei, não por ser um transgressor, mas para redimir a nós, os transgressores. Paulo aplicou a versão LXX de Deuteronômio 21:23 a Cristo: — *“Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro”*. No entanto, ele omitiu a frase *“hypo you Therou”*, maldito “por Deus”, de sua citação. Cristo sofreu as consequências da maldição pronunciada sobre os crucificados. Lido junto de Gálatas 1:4, isso sugere que a vergonhosa morte de Cristo

---

condicional” que a introduz (em 1:8, 9; Betz, 1979, p. 50) e a “bênção condicional” que a conclui (em Gálatas 6:16; Betz, 1979, p. 321). Paulo enquadrou o argumento central da carta nesta premissa: — “Os gálatas seriam amaldiçoados ou abençoados dependendo das suas escolhas futuras. Eles permaneceriam fiéis ao Evangelho que Paulo pregou ou buscariam a perversão que algumas pessoas (v. 7) estavam incentivando-os a aceitarem?”. Esse tipo de decisão pedia uma retórica deliberativa. Maldições eram orações implícitas para que Deus (ou os deuses) causasse desastres a certos inimigos. Declarando essa maldição dupla de forma condicional, Paulo não citou nomes. Os gálatas estavam livres para escolher ficar do lado dos que estavam sujeitos à maldição ou alinhar-se com Paulo e sua compreensão da fé cristã. Paulo orou para que aqueles que estavam criando caos em suas Igrejas gálatas fossem punidos por suas más ações. Paulo acreditava que Deus era um Juiz reto que matinha a ordem moral do universo. Quem estivesse destruindo suas Igrejas seria destruído (cf. 2 Tessalonicenses 1:5 – 10; Käsemann, 1969).

<sup>10</sup> Mussner, 1977, p. 233.

<sup>11</sup> Matero, 1992, p. 124.

nos resgatou da maior das vergonhas – a pena de morte por não conseguirmos alcançar a obediência que a Lei exigia – por nossos pecados. *“Aquele que for pendurado é, portanto, considerado alguém maldito no sentido que, como um ‘exemplo exposto publicamente da impiedosa severidade da Lei’, Ele está sob a mesma maldição que a Lei traz para aqueles que a quebram<sup>12</sup>”*. O que significava para Cristo tornar-se maldição em nosso lugar? E como o Cristo amaldiçoado tornou-se a fonte de bênção para nós? Hooker alega que a resposta *“está nas características da fórmula paulina ‘em Cristo’: — Nele, antigas distinções são desfeitas e todas são um”* (3:28). Deus transformou a maldição “em uma fonte de bênção” ao libertar pessoas. Na ressurreição de Cristo, Deus anulou o julgamento da Lei. Cristo *“trouxe bênção aos gentios porque se tornou uma bênção. A bênção provou ser, portanto, mais poderosa que a maldição<sup>13</sup>”*. A crucificação não era o modo de punição em vista dos primeiros leitores de Deuteronômio. É quase certo que tenham considerado a exposição pública do corpo empalado de um criminoso executado uma grande ofensa. Essa vergonha servia para impedir que outras pessoas ficassem tentadas a seguir o mau exemplo. Mas Paulo não era o único judeu do século I a usar Deuteronômio 21:23 como referência a crucificação<sup>14</sup>. João 19:31 relata que os líderes judeus pediram que o corpo crucificado de Jesus fosse removido da cruz e enterrado antes do pôr do sol, concordando com Deuteronômio 21:23a — *“não deixem o corpo no madeiro durante a noite”*. Quem é o “nós”, de nosso, por quem Cristo se torna maldito? Isto é, quem Paulo tinha em mente como receptor da obra de redenção de Cristo em Gálatas 3:13? É um “nós” exclusivo ou inclusivo? Ele exclui ou inclui o público gálata de Paulo? Cristo morreu para redimir apenas judeus ou a todos?

---

<sup>12</sup> Büchsel, 1964, p. 450.

<sup>13</sup> Hooker, 1971, p. 351.

<sup>14</sup> Veja Alcorão 11QT 64:6 – 13; 4Q169 pNah 1:17, 18; Kuhn 1975, 36, 37; Wilcox 1977; O'Brien, 2006.

[1] – No versículo 13, a primeira pessoa do plural (= nós, nosso) aparece pela primeira vez desde 2:15, 16. Lá, Paulo relata o incidente na Antioquia usando “nós” para referir-se a si mesmo e seus companheiros cristãos judeus em contraste com os membros gentios da comunidade. O que ele disse sobre “nós” aqui aplica-se apenas a cristãos judeus (exclusivo)? Ou [2] – Aplica-se igualmente a seu público cristão–gentio (inclusivo)<sup>15</sup>? Um caso plausível pode ser feito com base na leitura inclusiva – que a redenção era para todos. Gálatas 3:13 refere-se à maldição da Lei (Deuteronômio 27:26; 21:23) como a revelação da vontade de Deus; portanto, Deus incentiva a maldição. Romanos indica que toda a humanidade, não apenas judeus, estão debaixo da ira de Deus (1:19 – 32) e do seu julgamento (5:18<sup>16</sup>). Mas talvez um caso mais forte possa ser feito com base em uma leitura exclusiva da primeira pessoa do plural de Paulo – que a redenção aqui aplica-se somente aos judeus. Gálatas 4:5 identifica os remidos como os que estão sob a Lei. Em 1 Coríntios 9:20, os que estão debaixo da Lei refere-se a judeus<sup>17</sup>. Pelo fato dos judeus falharem continuamente em obedecer à Lei que Deus lhes deu, somente eles estavam sob a maldição da Lei e precisavam de redenção<sup>18</sup>. O fluxo da narrativa do argumento a partir de 3:10 até 4:7<sup>19</sup> sugere que Cristo se tornou uma maldição para os judeus a fim de livrá-los da maldição da Lei para que todos os crentes, tanto judeus quanto gentios, pudessem compartilhar a bênção de sua redenção<sup>20</sup>. A posição enfática de nosso no 3:13 e de aos gentios em 3:14 *“sugere um possível contraste proposital entre os dois grupos”*<sup>21</sup>.

*“A Lei é um espelho da vontade de Deus para o povo da sua aliança e um capataz que provoca a maldição. Mas a esta altura Paulo não está discutindo os aspectos mais*

---

<sup>15</sup> Veja Dabelstein, 1990, p. 1.

<sup>16</sup> Veja Büchsel, 1964, p. 450.

<sup>17</sup> Veja Donaldson 1986; Witherington, 1998a, p. 236 – 237.

<sup>18</sup> Wright, 1991, p. 145 – 147.

<sup>19</sup> Veja Donaldson 1986, 95.

<sup>20</sup> Witherington, 1998a, p. 236 – 237.

<sup>21</sup> Witherington, 1998a, p. 237; veja Donaldson, 1986, p. 102.

*gloriosos da Lei, pois ele se limita a considerar a Lei como meio de condenação (consultar 2 Coríntios 3:6 – 9). A maldição da Lei era real. Ela levou Cristo à cruz. A inflexibilidade das exigências da Lei são claramente percebidas no fato de que quando Cristo tomou o lugar do infrator da Lei, embora Ele mesmo fosse perfeitamente santo, teve de suportar exatamente a mesma penalidade de qualquer outro que se colocasse sob a maldição da Lei. A circunstância de que Cristo morreu pendurado no madeiro do Calvário enfatizava o elemento da maldição (Deuteronômio 21:23)<sup>22</sup>”.*

Para Paulo, em Romanos 3:25, Jesus é um “hilastērion”, pois proporciona a ocasião em que Deus pode ser apaziguado, uma oportunidade para a correta oferta de sacrifício em Jerusalém. Justamente essa retidão se encontra por trás da ênfase na justiça de Deus. No Targum sobre Isaías, “os justos” são aqueles que recebem o regozijo cujo epicentro é o santuário (cf. Isaías 24:16; 5:17; 66:24). Mais especificamente, o estabelecimento da adoração correta no Templo é sinalizada em Daniel 8:14 como algo que envolve uma “justificação divina”. O emprego em Daniel apresenta Deus como alguém que é justo (cf. Daniel 9:7, 14, 16) e que torna justa (Daniel 9:24; cf. 12:3) uma nação injusta (Daniel 9:7, 16, 18)<sup>23</sup>.

*Sobre Romanos 3:25* — Em perfeita justiça (v. 25a, 26). Deus deve ser perfeitamente coerente consigo mesmo. Não pode transgredir a própria Lei nem contrariar a própria natureza. “*Deus é amor*” (1 João 4:8), e “*Deus é luz*” (1 João 1:5). Um Deus de amor deseja perdoar os pecadores, mas um Deus de santidade deve punir o pecado e preservar sua Lei justa. De que maneira Deus pode ser, ao mesmo tempo, “justo e o justificador”? A resposta encontra-se em Jesus Cristo. Quando Jesus estava na cruz e sofreu a ira de Deus pelos pecados do mundo, preencheu completamente todos os requisitos da Lei de Deus e expressou plenamente o amor do coração de Deus. Os

---

<sup>22</sup> Comentário Bíblico Moody, Gálatas, p. 21.

<sup>23</sup> Daniel G. Reid., ed., Dicionário Teológico do Novo Testamento, Edições Vida Nova, p. 775.

sacrifícios de animais no Antigo Testamento não removiam o pecado; mas, quando Jesus morreu, sua obra consumada alcançou até Adão e tratou desses pecados. Ninguém (inclusive Satanás) poderia acusar Deus de injusto ou de desonesto por haver, aparentemente, deixado passar os pecados do tempo do Antigo Testamento<sup>24</sup>.

*Propiciação, segundo John Stott* — A segunda palavra é “ἱλαστήριον”, ou seja, “propiciação”. Muitos cristãos sentem-se envergonhados ou até chocados com essa palavra, porque “propiciação” significa “o ato de aplacar a ira divina”, ou “de tornar Deus propício”. E, em se tratando de Deus, parece-lhes indigno dar-lhe um conceito como esse (mais pagão do que cristão), o que pressupõe que Ele fica com raiva e precisa ser apaziguado. Daí a proposta de duas outras maneiras possíveis de se entender “hilastērion”. A primeira é traduzir a palavra como “propiciatório”, referindo-se à “tampa” de ouro da arca da aliança que ficava no Santo dos Santos, no Templo. É geralmente este o significado da palavra na Septuaginta, e é também o que ela significa na sua única outra ocorrência no Novo Testamento. Já que, no Dia da Expição, o sangue do sacrifício era salpicado sobre a tampa da arca, o chamado “propiciatório”, sugere-se então que o próprio Jesus seria o “propiciatório” onde Deus e os pecadores são reconciliados. Aqueles que sustentam este ponto de vista tendem a entender o verbo “προτίθεμαι” (apresentou) como “expôs” (BJ) ou “dispôs publicamente” (BAGD), para indicar que, embora o propiciatório estivesse escondido dos olhos humanos pelo véu, “Deus expôs publicamente o Senhor Jesus Cristo, aos olhos do universo inteligente [...]”, como o caminho da salvação. Mas os argumentos contrários parecem ser conclusivos. Em primeiro lugar, se com “hilastērion” Paulo quisesse referir-se à “tampa da arca ou propiciatório”, teria inevitavelmente usado com ela o artigo definido. E, depois, o conceito

---

<sup>24</sup> Warren W. Wiersbe. Comentário Bíblico Expositivo do Novo Testamento, Volume I, p. 681 – 682.

é incongruente em Romanos (contexto), pois esta carta, ao contrário de Hebreus, não se encontra na *“esfera do simbolismo levítico”*. Em terceiro lugar, a metáfora seria confusa e até mesmo contraditória, já que ela representaria Jesus como sendo concomitantemente a vítima cujo sangue foi derramado e aspergido, e o lugar onde se aplicaria esse sangue. Em quarto lugar, o sentimento de dívida de Paulo para com o Cristo crucificado era tão profundo que ele dificilmente o teria comparado a uma *“peça inanimada da mobília do Templo”*. Uma segunda possibilidade de tradução para *“hilastērion”* é *“uma expiação”* (RSV). O argumento para tal é que, enquanto que no grego secular o verbo *“hilaskomai”* significa *“aplarar”* (um deus ou um ser humano), na Septuaginta o objeto desse verbo não é Deus, mas o pecado. Portanto, o seu significado não seria *“propiciar”* Deus (isto é, torná-lo propício, desviar sua ira), mas sim *“expiar”* o pecado, isto é, anular o pecado ou acabar com a profanação. C. H. Dodd, a quem geralmente se associa esta posição e que, como editor e tradutor da Bíblia, evidentemente influenciou outros tradutores nessa direção, escreveu que os atos expiatórios *“tinham como que o valor, digamos, de um desinfetante”*. Assim, aversão da BLH diz que *“Deus ofereceu Cristo como sacrifício para que, pela sua morte na cruz, Cristo se tornasse o meio de as pessoas receberem o perdão dos pecados”*. A principal razão pela qual essas opções não são satisfatórias e pela qual é necessária uma referência à propiciação é o contexto. Nestes versículos Paulo descreve a solução de Deus para a condição humana; o problema não é só o pecado, mas também a ira de Deus sobre o pecado (Romanos 1:18; 2:5; 3:5). E onde quer que exista a ira de Deus existe também a necessidade de impedir que ela se manifeste. Não deveríamos ter medo de usar a palavra *“propiciação”* em relação à cruz, tanto quanto deveríamos deixar de usar a palavra *“ira”* em relação a Deus. Em vez disso, deveríamos lutar para resgatar o uso dessa linguagem mostrando que a doutrina cristã da propiciação é completamente diferente dos conceitos supersticiosos pagãos ou

animistas. Tanto a necessidade como o autor e a natureza da propiciação cristã são bem diferentes. Vamos primeiro à necessidade. *Por que uma propiciação seria necessária?* A resposta pagã é: — porque os deuses são caprichosos, mal-humorados e sujeitos a acessos de ira. A resposta cristã é: — *“porque a ira santa de Deus está voltada contra o mal. Quando se trata da ira de Deus, não tem essa história de falta de princípios, imprevisibilidade ou perda de controle; a única coisa que a provoca é o mal”*. Agora vamos ao autor. Quem é o responsável pela propiciação? A resposta pagã é que somos nós. Nós ofendemos os deuses; portanto devemos agradá-los. Já a resposta cristã é *“que nós não podemos aplacar a justa indignação de Deus. Não há como fazê-lo por nossos próprios meios. Mas Deus, por amar-nos sem que o merecêssemos, fez por nós o que nunca poderíamos fazer sozinhos”*. João escreveu, semelhantemente: — *“[...] Deus [...] nos amou e enviou o seu Filho como propiciação (“hilasmos”) por nossos pecados”*. O amor, a idéia, o propósito, a iniciativa, a ação e a dádiva foram todos de Deus. E, finalmente, a natureza. Como se conseguiu a propiciação? Em que reside o sacrifício da propiciação? A resposta pagã é que é preciso subornar os deuses com doces e oferendas, vegetais, animais e até mesmo sacrifícios humanos. O sistema sacrificial do Antigo Testamento era completamente diferente, já que todos sabiam que o próprio Deus havia “dado” os sacrifícios para o seu povo fazer a expiação. E isso está inegavelmente claro na propiciação cristã, pois Deus deu o seu próprio Filho para morrer em nosso lugar, e, ao dar o seu Filho, deu-se Ele mesmo por nós (Romanos 5:8; 8:32). Em suma, seria difícil exagerar no que diz respeito às diferenças entre a visão cristã e a pagã de propiciação. Na perspectiva pagã, os seres humanos tentam, através de suas ofertas desprezíveis, aplacar o mau humor de suas divindades enfurecidas. De acordo com a revelação cristã, o próprio amor incomparável de Deus aplacou a sua própria ira santa ao dar o seu próprio Filho amado, que tomou o nosso lugar, assumiu os nossos pecados e morreu a nossa morte. Assim fazendo,

Deus mesmo entregou a si mesmo para salvar-nos dEle mesmo. “É este o justo fundamento em que se baseia a justa justiça de Deus para justificar os injustos sem comprometer a sua justiça”. Charles Cranfield expressou isso com cautela e eloquência: — *“Deus, porque em sua misericórdia desejava perdoar os homens pecadores, e por ser verdadeiramente misericordioso, desejoso de perdoá-los justamente — isto é, sem de maneira alguma desconsiderar o seu pecado — propôs-se voltar contra si mesmo, na pessoa do seu Filho, todo o peso daquela justa ira que eles mereciam”*. O professor Cranfield volta a este assunto no seu ensaio final sobre *“A Morte e Ressurreição de Jesus Cristo”*. Conforme o seu argumento, o propósito de Deus ao fazer da morte de Jesus Cristo um sacrifício de propiciação foi para *“que Ele pudesse justificar os pecadores justamente, isto é, de uma maneira tal que fosse inteiramente digna do seu caráter de Deus verdadeiramente amoroso e eterno”*. Pois, caso Ele se limitasse a meramente perdoar os pecados deles, estaria com isso *“comprometido com a mentira de que a maldade moral não importa e, dessa forma, estaria violando a sua própria verdade e zombando dos homens, proporcionando-lhes uma certeza vazia e mentirosa que eles, na sua total humanidade, acabariam descobrindo ser uma miserável fraude”*<sup>25</sup>. Os versículos 6 e 8 (capítulo 5) dizem apenas que “Cristo morreu”. Mas o versículo 10 esclarece quem é esse “Cristo”, ao dizer que Deus nos reconciliou consigo mesmo *“mediante a morte de seu Filho”*. Antes disso Deus havia enviado profetas, e às vezes até anjos. Agora, porém, enviou o seu único Filho, e ao dar o seu Filho Ele estava dando a si mesmo. E tem mais: — *“Ele deu o seu Filho para morrer por nós”*. Alguns comentaristas parecem ansiosos por acrescentar que aqui não se trata de qualquer doutrina da expiação e seguramente nenhuma doutrina relativa à substituição, uma vez que a preposição usada na expressão “por nós” é “hyper” (“em nome de”) e não “anti” (“em vez de”). Mas esse é um

---

<sup>25</sup> Stott, p. 63 – 65.

juízo superficial. Afinal, o que está escrito é que Cristo morreu por nós *“quando nós ainda éramos pecadores”*; e, sempre que pecado e morte aparecem juntos na Escritura, a morte é a penalidade ou o “salário” do pecado (6:23; cf. 5:12). Sendo assim, a declaração de que *“Cristo morreu pelos pecadores”*, de que a morte foi dEle, embora os pecados fossem nossos, só pode significar que Ele morreu como uma oferta de pecado, carregando em nosso lugar a penalidade que nossos pecados mereciam. Isso nos ajuda a entender a dimensão do que lhe custou essa dádiva<sup>26</sup>.

*“Nós merecíamos morrer pelos nossos pecados. E de fato morremos, se bem que não pessoalmente, mas na pessoa de Jesus Cristo, nosso substituto, que morreu em nosso lugar e com quem nós fomos unidos pela fé e pelo batismo. E pela união com esse mesmo Cristo nós ressurgimos uma vez mais. Assim a antiga vida de pecado se acabou, pois nós morremos para ela, e começou uma nova vida, de pecadores justificados. Em virtude de nossa morte e nossa ressurreição com Cristo, é inconcebível retornarmos à velha vida. É neste sentido que a nossa natureza pecaminosa perdeu o seu poder e nós fomos libertados<sup>27</sup>”.*

*“Em seu sangue é uma forma hebraica de referir-se ao sacrifício substitutivo do cordeiro inocente de Deus (João 1:29). Entender completamente este conceito de Levítico 1 a 7 é crucial, bem como o Dia da Expição, no capítulo 16. O sangue se refere a uma vida pura dada em favor de um culpado (Isaías 52:13 — 53:12)<sup>28</sup>”.*

*“É comum interpretar a imposição de mãos sobre o sacrifício como uma transferência do pecado, de modo que o sacrificado se torne um substituto do ofertante. Assim, este se escusa dando a morte do animal em troca de sua própria morte<sup>29</sup>”.*

*“O versículo seguinte (v. 4 — capítulo 53 do profeta Isaías) explica isto como castigo pelo pecado. Ele “tomou” e “levou sobre si” este sofrimento; conseqüentemente, carregou-o “vicariamente” como alguém que tomou um fardo pesado do ombro de outrem e o carregou para aquela pessoa. O caráter voluntário dessa substituição está*

---

<sup>26</sup> Stott, p. 82.

<sup>27</sup> Stott, p. 106.

<sup>28</sup> Bob Utley, p. 65.

<sup>29</sup> Kaiser, 1994, p. 1011; Reeve, 1956, p. 2643.

*claramente manifestado nesta ação; nisto Ele forma um contraste com outras pessoas que sofrem o castigo pelos pecados de sua geração, mas não como ato de rendição pessoal voluntário (cf. 2 Samuel 21:1 e seguintes)<sup>30</sup>”.*

Segundo o Dicionário Bíblico Universal, era a “expição do pecado” por meio de “*uma vida dada em substituição*”<sup>31</sup>. E segundo o dicionário Michaelis, também conhecido pelo termo “propiciação” (“*lat propitiacione*”), que pode ser compreendida como a “intercessão para obter o perdão de culpa”, bem como o “sacrifício para aplacar a ira ou a justiça divina”. No Novo Testamento se refere a morte de Cristo Jesus como Ele tendo sido “a vítima da expiação” (cf. 2 Coríntios 5:21; Romanos 8:3; Hebreus 1:3, 9:28)<sup>32</sup>.

*“Propiciação significa satisfazer as exigências da justiça. Em termos bíblicos que significa satisfazer as exigências da ira de Deus. Deus coloca o pecado e o mal sob o seu julgamento e decreta que Ele vai derramar sua ira sobre ele. Em termos do Novo Testamento, que somos salvos é de Deus. Somos salvos por Deus de Deus, da ira que está para vir. Propiciação satisfaz completamente as exigências da ira e da justiça de Deus, que é o que a cruz era. Cristo como nosso substituto tomou sobre si a ira que merecíamos, para pagar a penalidade que era devido para a nossa culpa para satisfazer as exigências da justiça de Deus. Em sua obra de propiciação, Jesus fez algo em um nível vertical, algo que diz respeito ao Pai, satisfazendo a justiça de Deus para nós<sup>33</sup>”.*

A palavra “ἱλαστήριον” (hilastērion) no grego é traduzido Hebreus 9:5 e Romanos 3:25 na King James por “propiciatório” e “propiciação”, respectivamente. No Livro do Êxodo 25:17 a palavra traduzida para propiciatório (de ouro) é a palavra hebraica “kapporeth” que aqui teria o significado de “cobrir”, segundo a versão LXX, e é usado com o significado de “tampa” da arca da aliança em Êxodo 25:21 — “Porás o propiciatório por cima da arca”. Desta forma “hilastērion” e “kapporeth” denotam “propiciação”, e em Teologia Cristã

---

<sup>30</sup> J. Ridderbos, p. 428.

<sup>31</sup> Buckland, p. 389.

<sup>32</sup> Buckland, p. 389.

<sup>33</sup> R. C. Sproul, p. 79.

“conciliação de sangue”. Visto de no grande Dia da Expição o sumo sacerdote adentrava o véu e aspergia com sangue do sacrifício o propiciatório<sup>34</sup>. E a soteriologia define “o *apaziguamento da ira de Deus por meio do sangue de Cristo Jesus*”<sup>35</sup>. Buckland refere-se a “propiciação” como promover perdão pelo proceder misericordioso, e citando a primeira epístola de João (1 João 2:2 e 4:10), refere que Jesus é a “*propiciação pelos nossos pecados*”, e reforça com os argumentos do apóstolo Paulo, referindo “*como propiciação*” a “*redenção que há em Cristo Jesus*”<sup>36</sup>”.

*Sobre Hebreus 9:5* — Propiciação significa a conciliação da ira divina mediante uma oferta sacrificatória. Alguns negam que a Bíblia contenha essa idéia, porque não pensam que um Deus amoroso jamais exerceria pessoalmente a ira contra suas criaturas. Mas a idéia está claramente implícita pela palavra grega para “propiciação” e é a única solução de salvação para a realidade da ira de Deus contra o pecado que Paulo desenvolveu em 1:18 — 3:20. No âmago do Evangelho está o fato de que, se Cristo não suportou a ira de Deus que merecemos, então essa ira ainda está reservada para nós (2:5, 8; 3:5; 5:9; 9:22; Efésios 5:6; Apocalipse 6:16, 17). A idéia de propiciação<sup>37</sup> também é vividamente descrita em Isaías 53:4, 5, 10, 11; “sangue” é uma referência à morte de Cristo como um sacrifício substituto por nós. O sangue de Cristo derramado é uma evidência clara de que sua vida foi dada por nós. Para demonstrar a sua justiça: — *“Deus não tinha punido todos os pecados dantes cometidos (na época do Antigo*

---

<sup>34</sup> Easton’s Bible Dictionary, third edition, 1897.

<sup>35</sup> Charles C. Ryrie [1999]. Basic Theology: A Popular Systematic Guide to Understanding Biblical Truth, Kindle Locations 5503 – 5504. Moody Publishers, Kindle Edition.

<sup>36</sup> Buckland, A. R., Arceidiago de Norfolk, Dicionário Bíblico Universal, Editora Vida, 1981, p. 362.

<sup>37</sup> Cf. Hebreus 9:5: — “propiciatório”, “hilastêrion” [2435] — Embora apenas aqui e em Romanos 3:25 no Novo Testamento, a palavra é bastante comum na Septuaginta, onde denota, em primeiro lugar, o “propiciatório”, a tampa de ouro acima da arca do Testemunho. Neste verso, o significado é esse, indicando o lugar da expiação. O significado do radical de “hilastêrion” é o de apaziguar e satisfazer um deus ofendido. Aplicada ao sacrifício de Cristo nesse aspecto, a palavra sugere que a morte de Cristo foi propiciatória, desviando a ira de Deus do pecador.

*Testamento*). Portanto, *Ele pareceu ser injusto, pois o pecado tinha sido cometido, mas nenhuma penalidade tenha sido paga*". Mas, quando Cristo morreu, Ele pagou até mesmo pelos pecados anteriores que Deus havia perdoado, mostrando, assim, que Deus é realmente justo e que Ele nunca perdoa qualquer pecado sem total pagamento da penalidade por esse pecado<sup>38</sup>.

De um ponto de vista único, Cristo, pelo sacrifício de si mesmo, afastou a ira de Deus de sobre os pecadores. Paulo e João falam dEle como “propiciação” (grego, “hilastērion”). Nos tempos modernos, eruditos que rejeitam a idéia da ira de Deus sugerem que deveríamos entender tais passagens como significando “expição” do que, propriamente, “propiciação”. Mas os linguistas retrucam: — o grupo de palavras referentes a “hilaskomai” é usado no sentido de “remoção da ira”, não expiação). Além do mais, as Escrituras requerem esse conceito. Enquanto a expiação<sup>39</sup> é um termo impessoal (expiamos um

---

<sup>38</sup> Nota da Bíblia de Estudo Plenitude (ACF).

<sup>39</sup> EXPIAÇÃO — Romanos 3:25 — A expiação é uma reconciliação de partes alienadas entre si, a restauração de um relacionamento rompido. A expiação é realizada por ressarcir os danos, apagando-se os delitos e oferecendo satisfação pelas injustiças cometidas. Segundo as Escrituras, toda pessoa peca e precisa fazer expiação de suas culpas, porém faltam o poder e os recursos para isso. Temos ofendido o nosso Criador, cuja natureza é odiar o pecado (Jeremias 44:4; Habacuque 1:13) e punir o mesmo (Salmos 5:4 – 6; Romanos 1:18; 2:5 – 9). Os que têm pecado não podem ser aceitos por Deus e não podem ter comunhão com Ele, a menos que seja feita expiação. Uma vez que há pecado mesmo nas melhores ações das criaturas pecadoras, qualquer coisa que façamos na esperança de ressarcir os danos só pode aumentar a nossa culpa ou piorar a nossa situação, porque “o sacrifício dos perversos é abominável ao SENHOR” (Provérbios 15:8). Não há modo de a pessoa poder estabelecer a própria justiça diante de Deus (Jó 15:14 – 16; Isaías 64:6; Romanos 10:2, 3); isso simplesmente não pode ser feito. Porém, contra esse fundo de desesperança humana, as Escrituras revelam a graça e a misericórdia de Deus, que, pessoalmente, providencia a expiação que o pecado torna necessária. A maravilhosa graça de Deus é o enfoque da fé bíblica; do Gênesis ao Apocalipse, a graça brilha com glória maravilhosa. Quando Deus tirou Israel do Egito, Ele estabeleceu, como parte do relacionamento da aliança, um sistema de sacrifícios, que tinha seu âmago no derramamento de sangue de animais “para fazer expiação por vossa alma” (Levítico 17:11). Esses sacrifícios eram “típicos”, isto é, como “tipos”, prenunciavam alguma coisa melhor. Pecados eram perdoados quando os sacrifícios eram fielmente oferecidos, mas não era o sangue dos animais que apagava os pecados (Hebreus 10:4); era o sangue do “antítipo”, Jesus Cristo, cuja morte na cruz expiou os pecados já cometidos, bem como os pecados que seriam cometidos posteriormente (Romanos 3:25, 26; 4:3 – 8; Hebreus 9:11 – 15). De acordo com o Novo Testamento, o sangue de Cristo foi derramado como sacrifício (Romanos 3:25; 5:9; Efésios 1:7; Apocalipse 1:5). Cristo redimiu o seu povo por meio de um resgate; sua morte foi o preço que nos livrou da culpa e da escravidão ao pecado (Romanos 3:24; Gálatas 4:4, 5; Colossenses 1:14). Na morte de Cristo, Deus nos reconciliou consigo mesmo, vencendo a sua própria hostilidade causada por nossos pecados (Romanos 5:10; 2 Coríntios 5:18, 19; Colossenses 1:20 – 22). A cruz aplacou Deus. Isso significa que

pecado, um crime), a propiciação é uma palavra pessoal: — “propiciamos alguma coisa a alguém”. O problema em obtermos nossa salvação é que, por causa do nosso pecado, nos colocamos em posição errônea para com o Deus vivo. Despertamos sua ira, exercida contra todo mal, e é com isso que temos de nos confrontar. Portanto, o modo bíblico de ver a obra salvadora de Cristo é como evitando a ira divina, ou seja, como propiciação. O sacrifício na cruz, enfim, traz cinco conclusões: — [1] – o pecado é poluente; o pecador, estando impuro, não está preparado para se aproximar de um Deus santo; [2] – o sacrifício de Cristo purifica o pecador de todos os seus pecados; [3] – a morte de Cristo realmente enfrenta o pecado e o remove para sempre; [4] – nossa salvação é feita à custa de Deus; [5] – aqueles por quem o sacrifício foi oferecido e que o aceitam respondem com uma vida reta, oferecendo seu corpo como sacrifício vivo<sup>40</sup>.

Há nas Escrituras outro aspecto importante da substituição na expiação de Cristo, com referência à sua morte. Como é dito em Romanos 3:23 – 26, Cristo sofreu em nosso lugar como réu substitutivo ao julgamento que merecíamos — e isso fornece a resposta à questão de como Deus pode ser justo e, mais ainda, justificador do ímpio, se a sua ira se revela exatamente contra toda impiedade e injustiça dos homens. Deus Filho suporta o juízo de Deus Pai como nosso substituto, tornando-se a propiciação pela qual Deus é capaz de receber a nós, pecadores. Essa ênfase é reforçada quando Cristo é identificado como o Servo sofredor: — “[...] *Ele foi transpassado por causa das nossas transgressões [...]*” (Isaías 53:5). Outras

---

ela aplacou a ira de Deus contra nós, expiando nossos pecados e, desse modo, removendo-os de diante de seus olhos (Romanos 3:25; Hebreus 2:17; 1 João 2:2; 4:10). A cruz produziu esse resultado porque, em seu sofrimento, Cristo assumiu nossa identidade e suportou o juízo retributivo que pesava contra nós, isto é, “a maldição da Lei” (Gálatas 3:13). Ele sofreu como nosso substituto, com o registro condenatório de nossas transgressões pregado por Deus na sua cruz, como a lista de crimes pelos quais Ele morreu (Colossenses 2:14; cf. Mateus 27:37; Isaías 53:4 – 6, Lucas 22:37) (Nota da Bíblia de Estudo de Genebra, p. 1322).

<sup>40</sup> L. L. Morris, *The Atonement*, Leicester, 1983, p. 43 – 105; R. de Vaux, *Ancient Israel*, London, 1961, p. 889 – 890

passagens falam também de um resgate. Em Marcos 10:45, diz o próprio Jesus que o Filho do homem veio para dar sua vida em resgate (“*lytron*” – conferir nota teológica [↓]) por muitos, e, em 1 Timóteo 2:6, é dito que Cristo se entregou a si mesmo como resgate por todos. O conceito de resgate tem uma poderosa conotação de “substituição”. Do mesmo, a aplicação do simbolismo do Antigo Testamento do animal expiatório (Levítico 16:8) ao Cordeiro Jesus é indubitavelmente de substituição (Hebreus 9:7, 12, 28). Fora de Romanos, há dois versículos também importantes sobre os quais essa visão se baseia. Em 2 Coríntios 5:21, Paulo argumenta que Jesus, que é sem pecado, identifica-se com o pecado de tal maneira que, misteriosamente, foi feito “pecado por nós”.

O conceito de substituição está no fato de ser Ele tratado não pelo que é, mas, sim, pelo que somos. Ele se fez nosso “legítimo substituto”. Em Gálatas 3:13, explana Paulo que, a fim de poder Jesus nos redimir da maldição da Lei, Ele próprio suportou em nosso lugar a maldição do pecado que merecíamos.

Eruditos que rejeitam esse conceito, da “expição”, o fazem, pelo menos, por três razões principais:

[1] – Vicent Taylor (1887 – 1968), por exemplo, argumenta que Paulo, ao expor a morte de Jesus, consistentemente não usa a preposição substitutiva “anti” (“em vez de, ao invés de, em lugar de”), mas, sim, “hyper” (“em favor de, em benefício de”). (Taylor rejeita 1 Timóteo 2:6, como não paulino). Em resposta, tem sido assinalado que “hyper” pode ter a força de “anti” no grego helenista e que, em Romanos 3:25, por exemplo, em que é usado com “hilastērion” (“propiciação”), é claramente substitutivo em seu intento.

[2] – O conceito da ira pessoal de Deus é questionado por C. H. Dodd, que pensa dela como sendo incongruente com seu amor inerente e contesta seja vista como consequência inevitável do espírito rebelde do homem. O objeto da expiação é dito, portanto, ser o homem e seu pecado, não Deus e sua ira. “Hilastērion” deveria, então, ser traduzida por “expiação”, por ser enfocada sobre o pecado e suas consequências para o homem, em vez de “propiciação”, que tem como foco o cumprimento da justiça de Deus. Em resposta a esse argumento usado por aqueles que negam “hilastērion” como “propiciação”, deve ser lembrado que a ira, em termos bíblicos, não é um ressentimento incontrolado, mas a resposta inevitável do puro amor pessoal para com o que é impuro. Embora a ira possa ser a necessidade da “expiação”, o amor é a sua base. Deus toma a iniciativa não somente de lidar com o pecado (mediante a expiação), mas de remover a oposição pessoal para nosso acesso à sua gloriosa presença (propiciação). O amor e a ira não são, portanto, contraditórios em Deus.

[3] – A idéia da culpa transacional, isto é, de alguém mais ser solicitado a levar nossa própria responsabilidade a fim de poder ser feita nossa reconciliação com Deus, é considerada por alguns como simplesmente imoral. Nesse caso, há que reconhecer que, por vezes, a idéia da substituição de Cristo tem sido apresentada cruamente, esvaziada de seu mistério. Todavia, esse elemento na obra de Cristo deve ser visto sempre como um corolário (decorrência) da graça, pelo qual Deus nos assegura, de modo total e incompreensivelmente, o que não poderíamos fazer por nós mesmos. Há mais aspectos ligados à expiação do que os de uma mera substituição objetiva feita por Cristo no lugar dos pecadores. É esse um dos motivos, de uma série de razões complementares usadas pelos escritores bíblicos, que aumentam subjetivamente nossa segurança e estimulam nossa adoração. A confiança de que em Cristo não podemos ser condenados, por Ele ter “sido condenado em nosso lugar”, já basta

para deixar o cristão maravilhado, tomado de uma admiração humilde e sem limites por essa sua obra e de Deus<sup>41</sup>.

Em “Romans: Atonement and Justification”, Martyn Lloyd–Jones, discorre sobre os vários aspectos dos fenômenos da expiação e propiciação. Ao comentar sobre Romanos 3:25, afirma que este é um dos mais importantes versos das Escrituras e, embora apresente a posição dos que defendem a idéia de que “hilastērion” significa “assento da misericórdia”, sugere que a melhor tradução é “propiciação” ou “sacrifício expiatório” porque nesta epístola Paulo não usa nada do cerimonial levítico e seria estranho introduzir o elemento “assento da misericórdia” (ou tampa sobre a qual se fazia a expiação), sem acrescentar qualquer explicação. Além disso, em nenhum lugar da Bíblia Jesus é figurado como “assento da misericórdia”, enquanto que em várias passagens Ele é referido como “propiciação” ou “expiação”. Assim, parece melhor traduzir por “meio de propiciação” ou “sacrifício propiciatório”, o que transmite a idéia de apaziguar, aplacar, evitar a ira. Sendo assim, na cruz, Cristo apaziguou, aplacou, a ira de Deus<sup>42</sup>.

O tema da ira divina incide diretamente sobre o âmago do cristianismo: — “a significação da morte de Cristo”. Referindo-se ao que ocorreu na cruz do Calvário, o Novo Testamento assevera que Cristo “é a propiciação pelos nossos pecados” (1 João 2:2) e, todavia, há grande discussão teológica sobre o significado da “propiciação”. O termo “propiciação” é uma tradução do hebraico “kapporeth<sup>43</sup>” e

---

<sup>41</sup> R. W. Dale, *The Atonement*, London, 1894; J. J. Denney, *The Death of Christ*, ed. R. V. G. Tasker, London, 1951; C. H. Dodd, *The Epistle of Paul to the Romans*, London, 1932; R. S. Franks, *A History of the Doctrine of the Work of Christ*, London, 1918; E. M. B. Green, *The Empty Cross of Jesus*, London, 1984; L. Morris, *The Apostolic Preaching of the Cross*, London, 1965; idem, *The Cross in the New Testament*, London, 1965; J. K. Mozley, *The Doctrine of the Atonement*, London, 1915; J. R. W. Stott, *The Cross of Christ*, Leicester, 1986; V. Taylor, *The Atonement in New Testament Preaching*, London, 1940.

<sup>42</sup> *Romans: Atonement and Justification*, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1971, p. 65 – 70.

<sup>43</sup> R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Paul's Epistle to the Romans*, Minneapolis, Minnesota: Augsburg Publishing House, 1961, p. 257 – 258; Chafer, 3:100; Berkhof, 375.

do grego “hilastērion<sup>44</sup>”. No Antigo Testamento, “kapporeth” era a cobertura da arca que continha os mandamentos e sobre a qual o sumo sacerdote espargia o sangue no ritual da expiação no dia do “Yom Kipur<sup>45</sup>” (Levítico 16:1 – 34). Na LXX<sup>46</sup>, “kapporeth” é traduzido por “hilastērion”, de modo que a tampa que cobria a arca era chamada de propiciatório e recebia o sangue ali aspergido, o qual cobria os pecados de quem o oferecia<sup>47</sup>. Tratando da justiça divina, o apóstolo Paulo, declara que *“todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua justiça [...]”* (Romanos 3:21 – 26). A palavra “hilastērion”, conforme aparece neste texto, é considerada como a chave para a compreensão da obra expiatória de Cristo<sup>48</sup>.

Para aqueles que afirmam que “propiciação” equivale a “expiação”, erram gravemente. Para alguns teólogos o significado bíblico de “propiciação” é praticamente o mesmo de “expiação<sup>49</sup>”. São basicamente duas as razões pelas quais muitos teólogos preferem traduzir a palavra “hilastērion” (em Romanos 3:25) por “expiação” e não por “propiciação”: — [1] – Embora o emprego de propiciação pelos autores pagãos sempre implique na sugestão de aplacamento ou apaziguamento de deuses irados, seu uso na LXX é despojado desta idéia e o mesmo deve-se entender dos escritos de Paulo, que se baseou nessa versão. [2] – Alegam também que a completa noção da

---

<sup>44</sup> Adolf Pohl, Carta aos Romanos: — Comentário esperança, Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 1999, 76; Ladd, 402; Davidson e Martin, 1017, 1022. Para uma discussão mais detalhada sobre o significado do termo “hilastērion”, ver o apêndice A.

<sup>45</sup> Chafer, 3:100; Lenski, 257 – 258. O termo hebraico “kipper” (no piel) denota a idéia de expiação do pecado pela cobertura do pecado ou do pecador – Berkhof, 375.

<sup>46</sup> Septuaginta.

<sup>47</sup> Teixeira, 207; Everett F. Harrison, “Romans”, The Expositor’s Bible Commentary, Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984, 10:43; Lloyd-Jones, 67 – 68; Vincent, 3:47. Ver Barnhouse, God’s Remedy, 3:114.

<sup>48</sup> Vincent, 3:47.

<sup>49</sup> Allan Richardson, An Introduction to the Theology of the New Testament, New York, Evanston, London: Harper & Row, Publishers, 1958, 223 – 224; Greathouse, 8:92; Ladd, 402; Pohl, 76.

ira de Deus está equivocada e deve ser totalmente rejeitada, chegando a ser quase blasfema, porque retrata a Deus como um monstro. Alguns a consideram como uma idéia judaica de Deus<sup>50</sup>. Por isso, afirmam que traduzir a palavra “hilastērion” por “propiciação” é um lamentável erro<sup>51</sup>. Dentre os que raciocinam desse modo, há aqueles que interpretam a ira de Deus como sendo nada mais do que a inevitável consequência do pecado, de praticar o erro. É o sofrimento automático e inevitável que se segue ao erro. A obediência ou não às leis morais teria seus efeitos do mesmo modo como ocorre com as leis da natureza. Assim, o fogo queimar, a água escoar para baixo, o ar poluído intoxicar. Se o homem desafiar estas leis sofrerá as consequências<sup>52</sup>.

Portanto, para o homem reconciliar-se com Deus, nada precisa ser feito do lado de Deus. Ele sempre perdoa. Tudo que é necessário é que o homem, que está cegado pelo pecado, abra os olhos e perceba que Deus é amor. Tudo que é necessário é a expiação: — *“o processo pelo qual a culpa do pecado é cancelada e o pecador é purificado dela”* — um conceito heterodoxo, portanto, ação de tomar uma coisa por outra. Assim em suas traduções, optam por “expiação”, em vez de “propiciação<sup>53</sup>”. Declaram que no caso dos verbos análogos, o sentido dominante do Antigo Testamento não é “propiciação”, significando alguma oferenda para aplacar ou apaziguar a ira, mas “expiação” ou reconciliação, através da cobertura, obtendo assim livramento do pecado, que permanecera entre Deus e o homem. *“A força da idéia está sobre o pecado ou impureza, não sobre a parte ofendida”* — uma pressuposição perigosíssima à luz da Bíblia. Por isso o frequente

---

<sup>50</sup> Lloyd-Jones, 72.

<sup>51</sup> Lenski, 257.

<sup>52</sup> J. Barmby e J. Radford Thomson, “The Epistle of Paul to the Romans”, The Pulpit Commentary, 22 vols. Grand Rapids, MI: Eerdmans, reimpressão 1977, 18:30. Ver Edward A. McDowell Jr., A soberania de Deus na história: a mensagem e significado do Apocalipse, traduzido por Robert G. Bratcher e Werner Kaschel, 2ª ed., Rio de Janeiro: JUERP, 1976, 136.

<sup>53</sup> Lloyd-Jones, 73.

intercâmbio com “santificar” e “purificar” (Ezequiel 43:26; Êxodo 30:10). Assim, embora concordem em que a morte de Cristo era essencial para nossa salvação, rejeitam o pensamento de que ela tivesse como propósito abrandar a ira de Deus<sup>54</sup>. A idéia não é de conciliação de um Deus irado para com a humanidade pecadora, mas de uma expiação por um Deus misericordioso através da morte expiatória de seu Filho<sup>55</sup>. O mais destacado defensor dessa opinião foi C. H. Dodd. Segundo ele, quando os tradutores da LXX usaram o verbo “hilaskesthai” (“para fazer propiciação”) e seus derivados para traduzir a raiz hebraica “kipper”, não vincularam à palavra o sentido clássico de “propiciação”, mas deram-lhe a força de “expição”, a qual está envolvida na remoção da culpa do pecado. Para ele, quando o sujeito é divino, o conceito é o de perdão<sup>56</sup>.

Diz acertadamente o Dr. A. A. Hodge: — *“Este sacrifício seria sumamente irrelevante se fosse algo menos que absolutamente necessário, em relação ao fim destinado a ser atingido – isto é, a menos que fosse realmente o único meio possível de salvação do pecador. Certamente Deus não teria feito do seu Filho um sacrifício de brinquedo, para satisfazer um capricho da vontade”*.

Propiciação é claramente distinta de expiação<sup>57</sup>. Há quatro elementos essenciais em qualquer propiciação: — [1] – uma ofensa para ser afastada; [2] – uma pessoa ofendida que necessita ser pacificada; [3] – uma pessoa culpada de ofensa; e [4] – um sacrifício ou algum outro

---

<sup>54</sup> Venden, 122; A. G. Hebert, “Atone, Atonement”, em *A Theological Wordbook of the Bible*, ed. Alan Richardson, New York: Macmillan, 1951, 26; Erickson, 810.

<sup>55</sup> Davidson e Martin, 1022; Russell Norman Champlin, “Epístola aos Romanos”, *O Novo Testamento interpretado*, 6 vols., São Paulo: Hagnos, reimpressão 1998, 3:623; Joseph A. Fitzmyer, “Carta a los Romanos”, *Comentario bíblico San Jerônimo*, traducido por Alfonso de la Fuente Adanez e outros, 4 vols., Madrid: Ediciones Cristiandad, reimpressão 1986, 4:115; Lloyd-Jones, 73.

<sup>56</sup> Ver C. H. Dodd, *The Bible and the Greeks*, London: Hodder and Stoughton, 1935, 82 – 95, onde a terminologia hebraica para a palavra expiação e os equivalentes gregos na LXX são analisados. Harrison, 10:44. Ver também Ladd, 402. Essa idéia de Dodd contrasta com a de apaziguamento da ira, que é inerente ao conceito de propiciação.

<sup>57</sup> Lloyd-Jones, 78.

meio para fazer expiação pela ofensa<sup>58</sup>. “Hilastērion” é um substantivo associado aos verbos “exilaskomai” e “hilaskomai”. Em toda literatura grega, “exilaskomai” significa *“propiciar”* ou *“acalmar uma pessoa que foi ofendida”*<sup>59</sup>. Em autores judeus helenísticos não bíblicos, como Josefo e Filo, “hilaskomai” sempre significa *“propiciar”*<sup>60</sup>. Embora o Deus da Bíblia seja tão diferente dos deuses pagãos – sendo único, soberano absoluto do universo, imutável, que aborrece o mal em todas as suas formas, e fonte de todo o bem – a idéia de apaziguar sua ira por meio de ofertas, pode também ser percebida nas Escrituras<sup>61</sup>. No Antigo Testamento ela pode ser encontrada nos rituais para a expiação do pecado e da culpa – *“onde o sangue dos sacrifícios era interposto entre Deus e o pecador de modo a afastar deste a ira de Deus”* (Jó 42:7 – 9; 2 Samuel 24:1 – 25; 2 Crônicas 29:1 – 24) – e em narrativas, como aquela em que Arão, usando de incenso, fez expiação pelo povo de Israel, a fim de deter a praga que Deus havia enviado sobre eles (Levítico 4:1 – 6; 16; Números 16:41 – 50)<sup>62</sup>. Na LXX, há três passagens em que “exilaskomai” refere-se à “propiciação” ou “apaziguamento de Deus” (Zacarias 7:2; 8:22; Malaquias 1:9)<sup>63</sup>. Nela os termos “hilaskomai” e “hilasmos” são termos de caráter objetivo e empregados num sentido associado: — *“o verbo significando ‘tornar propício’, e o substantivo tendo a conotação de*

---

<sup>58</sup> Ibid., 70, 78.

<sup>59</sup> Ladd, 402; Marshall, 113; Glenn W. Barker, “1 John”, The Expositor’s Bible Commentary, editado por Frank E. Gaebelein, 12 vols., Grand Rapids, MI: Zondervan, 1984, 12:314; Stephen S. Smalley, “1, 2, 3 John”, Word Biblical Commentary, editado por David A. Hubbard e Glenn W. Barker, Dallas, Texas: Words Books, Publishers, 1988, 51:38 – 39.

<sup>60</sup> Ladd, 429 – 430.

<sup>61</sup> Packer, 164.

<sup>62</sup> Berkhof, 375; Hodge, 856. “O sistema sacrificial dos hebreus tinha por finalidade reconhecer o pecado e aplacar a Deus com respeito ao mesmo”. EBTF, ver “satisfação”. No Antigo Testamento encontramos algumas passagens em que “kipper” [e “hilaskomai”] é empregado também em relação à propiciação da ira dos homens. Desse modo, vemos Jacó buscando aplacar Esaú com presentes para, assim, obter seu favor (Gênesis 32:20) e o sábio que consegue apaziguar o furor do rei (Provérbios 16:14) – Stott, 153.

<sup>63</sup> Ladd, 429 – 430.

‘apaziguamento’ (ou meio de apaziguar)”. No Novo Testamento<sup>64</sup> encontra-se o mesmo uso de “hilaskomai” e “hilasmos”, enquanto que “exilaskomai” nunca é usado com a palavra “pecado” como seu objeto direto. De igual maneira, na *“literatura dos pais apostólicos, hilaskomai sempre significa propiciar”*<sup>65</sup>. Desse modo, enquanto que expiação *“denota a cobertura, o afastamento, ou a extinção do pecado de modo que ele não mais se constitui numa barreira a uma comunhão amigável entre o homem e Deus”*, propiciação significa *“tudo isso mais o apaziguamento da ira de Deus”*<sup>66</sup>. Portanto, o objeto da “propiciação” inclui a ira de Deus e não apenas o pecado dos homens<sup>67</sup>. Enquanto a “expiação” trata com o pecado humano, a propiciação trata também com a ira, a divina reação ao pecado<sup>68</sup>, enquanto que *“a expiação é uma referência ao sacrifício de Cristo que removeu a culpa do pecado do homem, a propiciação é uma alusão indicativa de que através da morte de Cristo a ira de Deus é vitoriosa e sua justiça é demonstrada”*<sup>69</sup>.

---

<sup>64</sup> Berkhof, 375.

<sup>65</sup> Ladd, 429 – 430. Quando “hilasmos” e seus cognatos são empregados, está frequentemente presente a idéia de aplacar a ira da parte injuriada. Desse modo, quando aplicados a Deus, possuem caráter objetivo, de modo que Deus é visto mais como o objeto da oferta do que o seu originador. Smalley, 51:39.

<sup>66</sup> Packer, 165 – 166; Erickson, 811. Comentando o texto de Romanos 3:25, onde Paulo apresenta a Cristo como “propiciação”, Holbrook, seguindo o pensamento de Leon Morris [em *The Atonement, its Meaning in Significance*, Leicester, Inglaterra: Inter Varsity Press, 1983, 151 – 176 — declara que “o substantivo “hilastērion”, “aquilo que propicia”, pertence ao grupo semântico “hilaskomai”, que significa “propiciar”. Versões modernas, influenciadas pelos estudos de certos eruditos, tendem a traduzir este grupo semântico como “expiar”, “expiação”. “Os dois conceitos são, na verdade, muito diferentes. Propiciar significa aplacar a ira, enquanto expiar é corrigir erros”. Propiciação é uma palavra pessoal: — “propicia-se uma pessoa”. Expiação é uma palavra impessoal: — “expia-se pecado ou crime”. “A morte de Cristo jamais foi o aplacamento da ira do Pai na forma como os pagãos aplacam seus deuses. Ao contrário, sua morte foi o meio pelo qual o Deus trino decidiu aplacar ou sufocar a “ira’divina” de uma forma coerente com sua santidade e que, ao mesmo tempo, tornasse possível a salvação de pecadores arrependidos” (Holbrook, 90).

<sup>67</sup> Ladd, 404.

<sup>68</sup> Allen, 1323.

<sup>69</sup> Greathouse, 8:92. As idéias de “expiação” e “propiciação” não se excluem mutuamente. Não há contradição, mas complementação. Smalley, 51:40; Barker, 12:314. “[...] a satisfação dada por Cristo envolve tanto a propiciação quanto a expiação: — é um aplacamento e é uma substituição”. EBTF — conferir “satisfação”.

*“O ‘hilastērion’ que Deus providenciou em Cristo não só retira a impiedade e injustiça dos homens, como também, ao mesmo tempo, afasta a ira ou retribuição que é o resultado inevitável dessas atitudes e ações num universo moral<sup>0</sup>” — Confira nota teológica [↓] — *Substituição, imputação e justificação por meio do sangue.**

A “propiciação” contempla a parte ofendida, que necessita ser apaziguada, e nossa responsabilidade para com a ira de Deus e é a provisão da graça pelo qual nós podemos ser libertos dessa ira<sup>71</sup> de maneira que Deus se torne propício ou com disposição favorável a nós<sup>72</sup>. Logo, embora *“o derramamento do sangue de Cristo tenha sido a revelação direta do amor do Pai para conosco, foi também o impedimento direto da ira do Pai contra nós<sup>73</sup>”*. Conferir nota teológica [↓] — *Fé no sangue e santificação por meio do sangue.*

Leon Morris, empregando os mesmos materiais que Dodd, chegou a outros resultados, que podem ser resumidos em duas observações, ambas atinentes ao contexto: — [A] – Dodd ignorou o fato de que o verbo “hilaskesthai”, o qual ele verteu por “perdoar”, em referência a

<sup>70</sup> F. F. Bruce, Romanos: Introdução e comentário, 2ª ed., São Paulo, Vida Nova e Mundo Cristão, 1981, 87.

<sup>71</sup> Murray, 1:116; Gordon H. Clark, “Romans”, The Biblical Expositor, editado por Carl F. H. Henry, 3 vols., Philadelphia: A. J. Holman Company, 1960, 3:243; Ladd, 402. Os homens estavam sentenciados a encontrar a ira de Deus no dia do juízo (Romanos 2:5). Mas Deus interveio do céu e o juízo final foi antecipado no Calvário. Ali o pecado foi julgado e o livramento tornou-se disponível para aquele que crê. Desse modo, em Cristo, o crente está protegido da ira de Deus e de sua força destrutiva pelo poder propiciatório da crucifixão [mortificação, tormento na cruz] (Romanos 3:25). Allen, 1318; B. T. Dahlberg, “Wrath of God”, The Interpreter’s Dictionary of the Bible, editorado por George Arthur Buttrick, 4 vols. (Nashville, TN: Abington Press, 1962), 4:907; Stählin, 5:446; Maclaren, 8:50-51.

<sup>72</sup> Grudem, 471.

<sup>73</sup> Packer, 167 – 168; Lloyd – Jones, 70; Erickson, 809 e 811. Como John Murray declarou, o conceito de que “o irado Deus é amoroso [...] é profundamente verdadeiro”. John Murray, Redemption: Accomplished and Applied, Grand Rapids: Eerdmans, 1955, 31. Para outros teólogos, o conceito cristão de propiciação envolve um afastamento da ira de Deus que é transferida do pecador para Cristo, embora permaneça o fato de que “Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Romanos 5:8) e que a dádiva de Cristo é derivada de seu amor para conosco (João 3:16). Dederen, 63.

Deus, é usado repetidamente em situações em que a ira de Deus é um fator, o que indica que a “propiciação” está realmente envolvida. [B] – Uma vez que a primeira secção principal da epístola aos Romanos (1:18 — 3:20) está permeada com o conceito da ira de Deus (1:18; 2:5, 8; 3:5) juntamente com a ênfase no julgamento, é de se esperar que Paulo, ao dar uma declaração do remédio para o pecado e injustiça do homem, indique que a ira de Deus foi satisfeita por sua própria provisão. E é isso que ele faz ao empregar o termo “hilastērion” em 3:21 – 26<sup>74</sup>. Além disso, uma análise da morte sacrificial dos animais no Antigo Testamento evidencia quatro realidades: — [1] – Seu propósito era tornar Deus propício. Ela não afetava as pessoas, mas a Deus. [2] – A propiciação era assegurada pela expiação ou o cancelamento da culpa do pecador. O pecado é apagado, cancelado, e, portanto, o pecador pode ir a Deus que está agora propiciado. Expição necessariamente leva à propiciação. [3] – A propiciação foi efetuada pela punição vicária da vítima que substituía o ofensor. [4] – O efeito das ofertas de sacrifício era o perdão do ofensor e sua restauração ao favor e à amizade de Deus<sup>75</sup>. A intenção divina é promover a reconciliação entre Deus e o homem. Para tanto é necessário que, em primeiro lugar, Deus seja reconciliado com o pecador e, depois, que o pecador se reconcilie com Deus. “*A reconciliação de Deus com o homem acontece quando sua ira é propiciada, o que ocorreu quando Cristo, mediante sua morte na cruz, removeu a necessidade do castigo dos pecadores – porque Ele fora castigado em lugar deles – e tornou possível a Deus, legalmente, manifestar para com eles seu amor, perdão e salvação*”<sup>76</sup>.

---

<sup>74</sup> Leon Morris, *The Apostolic Preaching of the Cross*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1955, 138, 169; Harrison, 10:44. Outro estudo independente, feito por David Hill, chegou a conclusões muito semelhantes às de Morris. David Hill, *Greek Words and Hebrew Meanings: Studies in the Semantics of Soteriological terms*, Cambridge: Cambridge University Press, 1967, 23 – 48. Para uma mais extensiva refutação da posição de Dodd, ver Roger Nicole, “C. H. Dodd and the Doctrine of Propitiation”, *Westminster Theological Journal*, 17, 1955, 117 – 157.

<sup>75</sup> Lloyd-Jones, 88 – 89.

<sup>76</sup> Berkhof, 374; Hodge, 868; Chafer, 3:123; Ladd, 403. O principal propósito da morte de Cristo foi satisfazer as exigências da santidade, da justiça e da Lei de Deus, removendo assim, o obstáculo ao perdão, à reconciliação e à herança eterna, a fim de que Deus pudesse ser justo ao justificar os

Desse modo, a expiação efetuou uma importante mudança, não no ser interior de Deus, pois Ele é imutável, mas na sua relação com os pecadores, que eram objetos da sua ira judicial. Pela cobertura sacrificial do pecado deles essa ira foi desviada e desse modo removidos os obstáculos à manifestação de seu amor redentor, o que resultou no oferecimento do perdão, da reconciliação e da santificação e na satisfação da justiça de Deus e das exigências de sua Lei. Agora, com justiça, Deus podia perdoar e salvar em lugar de enviar seus juízos<sup>77</sup>.

Suponhamos, por exemplo, que um homem que está pensando em um emocionante salto em queda livre tome uma decisão precipitada e espontaneamente pule de um pequeno avião. Depois de fazê-lo, ele rapidamente percebe a insensatez de suas ações. Ele quer aterrissar em segurança, mas há um obstáculo — a lei da gravidade. Ele move os braços com uma velocidade impressionante, com a esperança de voar, mas é em vão. Ele posiciona o corpo para pairar ou planar a fim de diminuir a velocidade da queda, mas a lei da gravidade é implacável e impiedosa. Ele tenta argumentar com essa lei básica da natureza, dizendo: — *“Foi um erro. Nunca mais vou fazer isso”*. Mas suas súplicas são em vão. A lei da gravidade não demonstra compaixão, não abre exceções. Felizmente, no entanto, o homem de repente sente algo em suas costas. Um amigo no avião, percebendo o momento de insensatez, havia preparado um paraquedas momentos antes do salto.

---

ímpios. Hodge, 319, 844, 849, 851 – 852; Oden, 2:349; A. W. Tozer, *Mais perto de Deus*, São Paulo, Mundo Cristão, 1980, 105; Owen, 12: 419 – 551; Lloyd-Jones, 90 – 92; Strong, 444. “Em Romanos 5:10 e 11:28 os pecadores são chamados “inimigos de Deus” (“echtroi”) num sentido passivo, indicando, não que são hostis a Deus, mas que são objetos do desprazer de Deus. Na primeira passagem este sentido é exigido por sua ligação com o versículo anterior; na última, pelo fato de que “echtroi” está em contraste com “agapetoi”, que não significa “os que amam a Deus”, mas, sim, “amados de Deus”. Em Romanos 5:10, 11 o termo “reconciliação” somente pode ser entendido num sentido objetivo, pois, [1] – dela se diz que foi efetuada pela morte de Cristo, ao passo que a reconciliação é resultado da obra do Espírito; [2] – foi efetuada enquanto ainda éramos inimigos, isto é, enquanto ainda éramos objetos da ira de Deus; e [3] – é descrita no versículo 11 como uma coisa objetiva que recebemos”. Berkhof, 344.

<sup>77</sup> Ibid., 393. Por essa razão pode ser dito que em ambos os testamentos a obra de reconciliação efetuada por Cristo envolve o tratamento da ira de Deus. Ladd, 397 – 398.

Ele encontra a corda e a puxa. Aliviado, ele plana em segurança até o chão. Podemos nos perguntar: — “*A lei da gravidade foi violada? O paraquedas funcionou de acordo com a lei para fornecer uma aterrissagem segura?*”.

Quando pecamos, somos como o homem insensato que pulou do avião. A despeito do que fizemos por nós mesmos, apenas uma aterrissagem catastrófica nos espera. Estamos sujeitos à Lei da justiça divina, que, assim como a lei da gravidade, é rigorosa e terrível. Podemos ter esperança de que o salvador, por meio de sua expiação, de modo misericordioso nos concederá um tipo de paraquedas espiritual. Se tivermos fé em Jesus Cristo e nos arrependermos (ou seja, se fizemos nossa parte e puxarmos a corda), os poderes protetores do salvador serão lançados em nosso benefício e poderemos aterrissar espiritualmente ilesos.

Entretanto, ainda deve ocorrer a reconciliação do pecador com Deus. Assim, o Deus reconciliado opera de tal modo pelo Espírito Santo no coração do pecador que este, pondo de lado sua alienação, participa dos benefícios da perfeita expiação de Cristo e se reconcilia com Deus<sup>78</sup>.

*“No pensamento paulino o homem é alienado de Deus pelo pecado e Deus é alienado do homem pela ira”.* É na morte substitutiva de Cristo que o pecado é vencido e a ira desviada, de modo que Deus possa olhar para o homem sem desprazer, e o homem olhar para Deus sem temor. O pecado é expiado, e Deus propiciado<sup>79</sup>.

---

<sup>78</sup> A razão de este propósito ser mais destacado nas Escrituras reside em que o primeiro é um fato consumado e este não. Berkhof, 374.

<sup>79</sup> Ibid.

Portanto, os conceitos de “expição” e “propiciação” nos ajudam a compreender como a ira divina pode ser afastada<sup>80</sup> e como somos reconciliados com Deus através da ação do próprio Deus (2 Coríntios 5:19; Romanos 5:10; Colossenses 1:21, 22; Efésios 2:15, 16)<sup>81</sup>.

A justiça de Deus revelada através da propiciação — Existem três fatos sobre a “propiciação”, conforme a Bíblia: — [1] – Deus mesmo é o ofertante, aquele que realiza a propiciação (Jó 42:7, 8; Isaías 60:10; Oséias 6:1). Não é o homem, como ocorre em todas as religiões pagãs. Entre os pagãos a propiciação era uma maneira jeitosa de o indivíduo, por si mesmo, mudar o pensamento de uma divindade, ou seja, influenciá-la para que lhe fosse favorável. Todavia, na religião da Bíblia, a iniciativa da reconciliação entre Deus e o homem e a oferta para apaziguar sua ira são obras de Deus<sup>82</sup> (2 Coríntios 5:18, 19). “*O sacrifício de Cristo não tinha como objetivo despertar amor no coração de Deus, mas manifestar o amor que lá se encontrava*”<sup>83</sup>. [2] – Cristo foi o sacrifício. Foi o derramamento do seu sangue que alcançou a “propiciação”, extinguindo a ira de Deus e nos redimindo da morte, porque ocupou

---

<sup>80</sup> David F. Wells, *Search for Salvation*, Downers Grove, IL: Inter Varsity Press, 1978, 29.

<sup>81</sup> Dederen, 63.

<sup>82</sup> Packer, 168. Também não foi um Filho misericordioso que tentou mudar o coração de um Pai cruel, através de sua morte, antes — “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho [...]” (João 3:16). *Ibid.*, 168 – 169. Michelsen, 253; Lloyd-Jones, 78; Erickson, 817 – 818; Chafer, 3:100; Richardson, 223 – 224; Murray, “The Epistle to the Romans”, 1:117 – 118; Greathouse, 8:92; Robertson, 465; Dederen, 63; H. A. Ironside, *Lectures on the Epistle to the Romans*, 22a. ed. (Neptune, NJ: Loizeaux Brothers, Inc., 1978), 52; Alexander Ross, *The Epistles of John*, *The New International Commentary on the New Testament*, Grand Rapids, MI: Eerdmans, reimpressão 1975, 151. A revelação das Escrituras sobre a “propiciação” é a de uma doutrina pura, à parte dos desvirtuamentos comuns à idéia de propiciação como se encontra entre os animistas e pagãos. Stott, 151. “[...] a insistência de Paulo em que é Deus, e não o homem pecador, que providenciou este “hilastêrion” impede que seja mal compreendido. De modo semelhante, o Antigo Testamento atribui a iniciativa à graça de Deus, nesta questão: — “porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenho dado sobre o altar, para fazer expiação (hebraico, “Kipper”; LXX “exilaskomai”) pelas vossas almas” (Levítico 17:11). F. F. Bruce, *Romanos: Introdução e comentário*, 86 – 87.

<sup>83</sup> “Propitiation”, *Seventh-Day Adventist Bible Commentary*, 6:506. No texto de 1 João 2:1, 2, Cristo é apresentado como advogado e como propiciação e estes dois termos parecem contrastar Jesus com Deus. Parece que Cristo está ativamente empenhado por nós, ao passo que Deus está relutante e precisa ser persuadido. Todavia, essa é uma conclusão falsa, pois em 1 João 4:9, 10 é visto que foi o Pai, por causa de seu amor, que enviou a Cristo para termos vida por seu intermédio. Marshall, 115; Stott, 136.

o nosso lugar como substituto e representante<sup>84</sup>. [3] – A propiciação demonstra a justiça de Deus. A propiciação na cruz evidenciou não apenas o perdão de Deus, mas também a justiça como fundamento para esse mesmo perdão<sup>85</sup>. Em Cristo, Deus satisfaz suas próprias exigências santas, desviando do pecador a ira justa que ele merecia e voltando-a contra si mesmo. Pelo sacrifício de Cristo, Deus satisfaz, ou propiciou sua própria ira<sup>86</sup>. Consequentemente, Deus não mais necessita de “propiciação” antes que possa perdoar, porque esta propiciação já foi feita por Cristo em prol de todo pecador<sup>87</sup>. A idéia de propiciação, conforme aparece em Romanos, é a de que todos os homens, estando “*debaixo do pecado*” (Romanos 3:9), “*permanecem expostos à ira de Deus tanto na sua manifestação presente como na futura*”. Contudo, por causa da fé em Cristo – “*a quem Deus propôs como propiciação [...] pelo seu sangue*” — “*seremos por Ele salvos da ira*” (5:9). Nós que éramos ímpios (4:5) e inimigos de Deus (5:10), fomos reconciliados com Ele (5:10) e temos paz com Ele (5:1). Doravante, Ele é por nós em todas as situações (8:31)<sup>88</sup>. Além disso, permanece a realidade de que os benefícios da propiciação são tão extensivos quanto o pecado: — “*eles são oferecidos ao mundo inteiro*” (1 João 2:2)<sup>89</sup>. Portanto, o sacrifício de Cristo é necessário a todos e suficiente para todos<sup>90</sup>. Há quem considere Romanos 3:25, 26 como o texto mais importante das Escrituras<sup>91</sup>. Nele, Paulo declara que “*Deus propôs*”, isto é, “*manifestou*” a Cristo como “*propiciação*”. A morte de Cristo na cruz não foi um acidente, antes, uma obra de Deus, algo deliberado, com

---

<sup>84</sup> Packer, 170; Michelsen, 253; Allen, 1323; Grudem, 471; Ross, 153; Smalley, 51:39.

<sup>85</sup> Packer, 171; Michelsen, 253; Ladd, 418.

<sup>86</sup> David S. Dockery, ed., Manual bíblico Vida Nova, traduzido por Lucy Yamakami e outros, São Paulo, Vida Nova, 2001, 717. Para uma argumentação sobre a nossa responsabilidade e merecimento de punição, devido aos nossos pecados, ver Stott, 89 – 92.

<sup>87</sup> Richardson, 223 – 224.

<sup>88</sup> Packer, 167.

<sup>89</sup> Ross, 151 e 153.

<sup>90</sup> Barker, 12:314.

<sup>91</sup> Lloyd-Jones, 94 – 95.

um propósito definido (Atos 2:23). A expressão também indica que foi um ato público, para ser visto e contemplado<sup>92</sup>.

*“Deus precisava ser visto publicamente não apenas como justificador, mas, também, como justo”<sup>93</sup>*. Desde o dilúvio Ele nunca tratou a humanidade, má e desobediente, como ela merece. Antes, continuou *“fazendo o bem, dando-vos do céu, chuvas e estações frutíferas, enchendo os vossos corações de fartura e alegria”* (Atos 14:17). Então, a justiça de Deus não podia ser vista, porque o mal não era punido. Mas Deus, em sua paciência, estava apenas adiando o julgamento. No devido tempo, o juízo foi realizado, e *“os pecados que foram anteriormente cometidos”* (v. 26), sob a velha aliança nos tempos do Antigo Testamento, foram punidos, mas na pessoa de Cristo que, como o Cordeiro de Deus, nos substituiu<sup>94</sup>. A economia divina, com relação aos pecados cometidos antes da cruz, foi a *“de cobrir”* – como mostra a raiz hebraica “kaphar”, traduzida como “expição” – o que foi representado pelos muitos sacrifícios oferecidos desde o surgimento do pecado. Deus agira com justiça baseando-se na futura morte de Cristo. Assim, do ponto de vista de Deus, o pecado fora coberto pelos sacrifícios que ele próprio estipulara, mas não retirado. Referindo-se aos pecados cometidos antes da cruz, a epístola aos Romanos declara que Deus, em sua tolerância, os havia *“deixado impunes”* [“πάρεσις”] (Romanos 3:25). Diferente de “aphesis”, que indica um perdão pleno, “paresis” sugere não mais do que a procrastinação do juízo e revela que Deus pôs de lado o pecado, temporariamente, em vista dos sacrifícios. Mas quando o verdadeiro Cordeiro de Deus foi sacrificado *“já não mais resta sacrifício pelos pecados”* (Hebreus 10:26). Sua morte, em cumprimento do que fora prefigurado, possibilitou que os pecados fossem tirados, pelo

---

<sup>92</sup> Ibid., 67 – 68, 97.

<sup>93</sup> Packer, 171.

<sup>94</sup> Ibid., 171 – 172; Lloyd-Jones, 100.

justo juízo, enquanto ao mesmo tempo, demonstrou que Deus fora justo em procrastinar seu juízo sobre aqueles pecados (Romanos 3:25).

Assim, na sexta-feira da paixão, tendo acabada a tolerância divina, Ele atacou radicalmente o pecado<sup>95</sup>. O ponto é que Deus fizera algo no passado e que agora propôs a Cristo para fazer algo em relação ao que Ele fizera<sup>96</sup>. Desse modo, Deus pode ser, *“simultaneamente, justo e justificador”*.

#### *A possibilidade da expiação vicária.*

Todos quantos defendem uma teoria subjetiva da expiação levantam uma formidável objeção à idéia da expiação vicária. Aham inimaginável que um Deus justo transfira a sua ira contra ofensores morais para uma parte perfeitamente inocente, e que *“trate judicialmente o inocente como se fosse culpado”*. Há, indubitavelmente, uma real dificuldade aqui, especialmente em vista do fato de que isto parece contrário a toda analogia humana. *“Não podemos concluir da possibilidade da transferência de um débito pecuniário que haja possibilidade de transferência de um débito penal”*. Se uma pessoa bondosa se oferecer para pagar o débito pecuniário de outrem, o pagamento terá que ser aceito e, *“ipso facto”*<sup>97</sup>, o devedor ficará livre de toda obrigação. *“Mas não é este o caso, quando alguém se oferece para expiar vicariamente a transgressão de outrem. Para ter valor legal, precisa ser expressamente permitido e autorizado pelo legislador”*. Com referência à lei, isto se chama relaxação judicial, e, com relação ao pecador, é conhecido como remissão. O juiz não necessita permitir isso, mas poderá fazê-lo; todavia, poderá permiti-lo somente sob

---

<sup>95</sup> Pohl, 76.

<sup>96</sup> Lloyd-Jones, 100.

<sup>97</sup> Pelo próprio fato; como resultado da evidência do fato; como consequência obrigatória do fato.

certas condições, como [A] – que a parte culpada não esteja em condições de suportar a penalidade até o fim, pelo que resulta numa relação justa; [B] – que a transferência não invada os direitos e privilégios de terceiros inocentes, nem os leve a sofrer dificuldades e privações; [C] – que a pessoa que se dispõe a sofrer a penalidade já não seja devedora à justiça, e não tenha que prestar serviços devidos ao governo; e [D] – que a parte culpada mantenha a consciência da sua culpa e do fato de que o substituto estará sofrendo por ela. *“Em vista disso tudo, poder-se-á entender que a transferência do débito penal é quase, senão inteiramente, impossível entre os homens”*. No caso de Cristo, porém, totalmente único que é, porquanto obteve uma situação sem paralelo, todas as condições mencionadas foram preenchidas. Não houve injustiça de nenhuma espécie.

Os nominalistas da Idade Média geralmente a consideravam como uma coisa puramente arbitrária. De acordo com Duns Scotus, não era inerentemente necessária, mas foi determinada pela vontade arbitrária de Deus. Ele negava o valor infinito dos sofrimentos de Cristo e o considerava como um simples equivalente da satisfação devida, que a Deus aprouve aceitar como tal. Em sua opinião, Deus podia ter aceitado qualquer outro substituto, e até podia ter levado a efeito a obra de redenção sem exigir absolutamente nenhuma satisfação. Socino também negava a necessidade da expiação. Ele retirou a coluna básica dessa necessidade *“negando que haja em Deus uma justiça que exige absoluta e inexoravelmente que o pecado seja punido”*. Para ele, a justiça de Deus consiste somente em sua equidade e retidão moral, em virtude da qual não há nem depravação nem iniquidade em suas obras. Hugo Grócio seguiu a sua negação com base na consideração de que a Lei de Deus foi uma promulgação positiva da sua vontade, que Ele podia afrouxar e também podia pôr completamente de lado. Os arminianos partilhavam as suas idéias sobre este ponto. Todos eles negavam que era necessário proceder Deus de maneira judicial na

manifestação da sua graça, e sustentavam que Ele podia perdoar o pecado sem exigir satisfação.

Schleiermacher e Ritschl, que exerceram dominante influência sobre a Teologia Moderna (Liberal), romperam completamente com o conceito judicial da expiação. Como defensores das teorias místicas e da influência moral da expiação, eles negavam o fato de uma expiação objetiva e, daí, por implicação, negavam também a sua necessidade. Com eles e com a chamada Teologia Liberal Moderna, em geral a expiação vem a ser apenas uma ação de unir ou uma reconciliação efetuada por uma mudança da condição moral do pecador. Alguns falam de uma necessidade moral, mas se recusam a reconhecer qualquer necessidade legal.

*A substituição penal é negada por falta de luz.*

Diz David Smith, o autor de “In the Days of His Flesh” (Nos Dias da Sua Carne): — “Ela (a teoria penal da satisfação) coloca um abismo entre Deus e Cristo, representando Deus como Juiz severo que insistia na execução da justiça, e Cristo como o compassivo Salvador que se interpôs e satisfaz a sua exigência legal e apaziguou a sua justa ira. Eles não estão unidos, nem em suas atitudes para com os pecadores, nem nas funções que desempenham. Deus é propiciado, Cristo propicia; Deus exige a punição, Cristo a sofre; Deus cobra o débito, Cristo o paga<sup>98</sup>”. Esta objeção também se baseia num mal entendido do qual, pelo menos em parte, têm culpa aqueles cristãos que falam e cantam como se Cristo, e não o Deus triúno, fosse exclusivamente o autor da salvação deles — “não conhecem e não consideram relações intratrinitárias e extratrinitárias”. A Bíblia nos ensina que o Deus triúno providenciou livremente a salvação dos pecadores.

---

<sup>98</sup> Berkhof, p. 365.

Não havia alguma que o constrangesse. *“O Pai fez o sacrifício do seu Filho, e o Filho ofereceu-se voluntariamente”*. Não houvesse cisão, mas, sim, a mais bela harmonia entre o pai e o Filho — cf. Salmos 40:6 – 8; Lucas 1:47 – 50, 78; Efésios 1:3 – 14; 2:4 – 10; 1 Pedro 1:2. A majestade e a imutabilidade da Lei divina inerente à própria natureza de Deus fez-lhe necessário exigir satisfação do pecador. A transgressão da Lei traz inevitavelmente consigo a penalidade. Ela é inviolável precisamente porque está baseada na própria natureza de Deus e não é, como queria Socino, um produto da sua vontade livre (Mateus 5:18). O princípio geral da Lei se expressa com estas palavras: — *“maldito aquele que não confirmar as palavras desta Lei, não as cumprindo”* (Deuteronômio 27:26). E se Deus queria salvar o pecador, a despeito do fato de que este não podia satisfazer as exigências da Lei, tinha que fazer provisão para uma satisfação vicária como base para a justificação do pecador.

*O sentido da expressão “expição vicária”.*

Há diferença entre expiação pessoal e vicária. Nosso interesse se volta particularmente para a diferença entre ambas quanto à expiação de Cristo. Quando o homem caiu e se afastou de Deus, ficou devendo uma reparação a Deus. Mas ele só poderia expiar o seu pecado sofrendo eternamente a penalidade fixada para a transgressão. É o que Deus podia exigir, pela estrita justiça, e teria exigido, se não tivesse agido com amor e compaixão pelo pecador. De fato, porém, Deus designou *“um substituto na pessoa de Jesus Cristo para tomar o lugar do homem, e este substituto expiou o pecado e obteve eterna redenção para o homem”*. O Dr. Shedd chama a atenção para os seguintes pontos de diferença neste caso: — [A] – A expiação pessoal é providenciada pela parte ofensora; a expiação vicária, pela parte ofendida. [B] – A expiação pessoal excluiria o elemento de misericórdia; a expiação vicária representa a mais elevada forma de misericórdia. [C] – A expiação

pessoal estaria em ação para sempre e, daí, não poderia redundar em redenção; a expiação vicária leva à reconciliação e a vida eterna.

*Provas bíblicas da expiação vicária de Cristo.*

A Bíblia certamente ensina que os sofrimentos e a morte de Cristo foram vicários, e vicários no sentido estrito da palavra, que *“Ele tomou o lugar dos pecadores, e que a culpa deles lhe foi imputada e a punição que mereciam foi transferida para Ele”*. Não é nada disso que Bushnell quer dizer quando fala do *“sacrifício vicário”* de Cristo. Para ele, isto significa apenas que Cristo levou sobre si os nossos pecados *“em seu sentimento, inseriu-se no mau destino dos pecadores por sua simpatia, como amigo, e até mesmo se dedicou, e dedicou sua vida, a um esforço pela restauração da misericórdia; numa palavra, que Ele levou sobre si os nossos pecados no mesmo sentido em que levou sobre si as nossas enfermidades”*<sup>99</sup>. Os sofrimentos de Cristo *“não foram tão somente os sofrimentos que um amigo padece por simpatia, mas, sim, foram os sofrimentos substitutivos do Cordeiro de Deus pelos pecados do mundo”*. As provas escriturísticas disto podem ser classificadas como segue:

[A] – O Antigo Testamento nos ensina a considerar como vicários os sacrifícios que eram apresentados sobre o altar. Quando o israelita apresentava um sacrifício ao Senhor, tinha que pôr a mão sobre a cabeça do sacrifício e confessar o seu pecado. Este ato simbolizava *“a transferência do pecado para a oferta e a tornava apta para expiar o pecado do ofertante”* (Levítico 1:4). Cave e outros consideram esse ato apenas como um símbolo de dedicação<sup>100</sup>. *“Mas isto não explica a razão pela qual a imposição das mãos habilitava o sacrifício a fazer expiação pelo pecado”*. Tampouco está em harmonia com o que aprendemos a respeito do

---

<sup>99</sup> Vicarious Sacrifice, p. 46.

<sup>100</sup> The Scriptural Doctrine of Sacrifice, p. 129 – 130.

significado da imposição das mãos no caso do “*bode expiatório*” em Levítico 16:20 – 22. Após a imposição das mãos, a morte era infligida vicariamente ao animal oferecido em sacrifício. A significação disto é claramente indicada na passagem clássica que se acha em Levítico 17:11: — *“Porque a vida da carne está no sangue. Eu vo-lo tenbo dado sobre o altar, para fazer expiação pelas vossas almas: — porquanto é o sangue que fará expiação em virtude da vida”*. Diz o Dr. Vos: — *“O animal sacrificial toma, em sua morte, o lugar da morte que cabia ao ofertante. É pena por pena”*. Os sacrifícios assim apresentados eram prefigurações do grande e único sacrifício de Jesus Cristo.

[B] – Há várias passagens na Escritura que falam dos nossos pecados sendo lançados sobre Cristo e de Cristo levando sobre si o pecado ou a iniquidade (Isaías 53:6, 12; João 1:29; 2 Coríntios 5:21; Gálatas 3:13; Hebreus 9:28; 1 Pedro 2:24). Com base na Escritura podemos, pois, dizer que os nossos pecados são imputados a Cristo. Não significa que a nossa pecaminosidade foi transferida para Ele – coisa em si mesma completamente impossível – mas, sim, que a culpa do nosso pecado lhe foi imputada. Diz o Dr. A. A. Hodge: — *“Pode-se considerar o pecado [1] – em sua natureza formal, como transgressão da Lei (1 João 3:4); ou [2] – como qualidade moral inerente ao agente [mácula] (Romanos 6:11 – 13); ou [3] – com respeito à sua obrigação legal para com a punição (“reatus”, condição de réu, culpabilidade). Somente neste último sentido sempre se diz que o pecado de um é imposto ou suportado por outro<sup>101</sup>”*.

Estritamente falando, então, a culpa do pecado, como coisa passível de punição, foi imputada a Cristo; e esta só pôde ser transferida porque não era inerente à pessoa do pecador, mas era uma coisa objetiva.

---

<sup>101</sup> Outlines of Theology, p. 408.

[C] – Finalmente, há diversas passagens em que as preposições “peri”, “hyper” e “anti” são empregadas em conexão com a obra realizada por Cristo em favor dos pecadores. *“A idéia de substituição é menos expressa pela primeira, e mais pela última preposição”*. Mas, mesmo para a interpretação de “hyper” e “anti”, temos que depender grandemente do contexto, pois, embora a primeira signifique realmente *“a favor de”*, *“no interesse de”*, pode expressar, e nalguns casos expressa, a idéia de substituição, e embora a última possa significar *“em lugar de”*, nem sempre tem esse sentido. É muito interessante notar que, de acordo com Deismann, encontraram-se nas inscrições vários exemplos do uso de *“hyper”* significando *“como representante de”<sup>102</sup>*. Vemos um emprego parecido desta preposição em Filemom 13.

Em passagens como Romanos 5:6 – 8; 8:32; Gálatas 2:20; Hebreus 2:9, provavelmente significa *“em lugar de”*, embora também possa ser traduzida por *“em favor de”*; mas em Gálatas 13:13; João 11:50; 2 Coríntios 5:15, certamente significa *“em lugar de”*. Diz Robertson *“que só a violência ao texto poderá evitar esse sentido ali”*. A preposição “anti” significa claramente *“em lugar de”* em Mateus 2:22; 5:38; 20:28; Marcos 10:45. Segundo Robertson, qualquer outro sentido do termo está fora de questão nessas passagens. A mesma idéia é expressa em 1 Timóteo 2:6.

*O Antigo Testamento ensina a considerar como vicários os sacrifícios que eram apresentados sobre o altar.*

Várias interpretações foram dadas aos sacrifícios do Antigo Testamento: — [A] – que eram presentes para agradar a Deus, para expressar gratidão a Ele, ou para aplacar a sua ira; [B] – que eram

---

<sup>102</sup> Light From the Ancient East, p. 153.

refeições essencialmente sacrificiais, simbolizando a comunhão do homem com Deus; [C] – que eram meios determinados por Deus pelos quais se confessava a odiosidade do pecado; ou [D] – que, na medida em que incorporavam a idéia de substituição, eram apenas expressões simbólicas do fato de que Deus aceita o pecador, em lugar da obediência fatural, no sacrifício que expressa o seu desejo de obedecer e a sua anelante esperança de salvação.

Contudo, a Escritura testifica “*o fato de que todos os sacrifícios de animais em Israel foram piaculares*”, embora esta qualidade não seja igualmente proeminente em todos eles. Era mais proeminente nas ofertas pelo pecado e pelas transgressões, menos proeminente nas ofertas queimadas, e ainda menos evidente nas ofertas pacíficas.

A presença desse elemento naqueles sacrifícios transparece: — [1] – nas claras afirmações de Levítico 1:4; 4:29, 31, 35; 5:10; 16:7; 17:11. [2] – na imposição das mãos que, apesar da asserção de Sydney Cave em contrário, certamente servia para simbolizar a transferência do pecado e da culpa (Levítico 1:4; 16:21, 22); [3] – na aspensão do sangue no altar e no assento da misericórdia (propiciatório) como uma cobertura para o pecado (Levítico 16:27); e [4] – no efeito repetidamente registrado dos sacrifícios, qual seja, o perdão dos pecados do ofertante (Levítico 4:26, 31, 35). Seria fácil acrescentar provas do Novo Testamento, mas estas bastam.

Entre os que acreditam que o elemento “*piacular*” estava presente mesmo nos sacrifícios pré-mosaicos, há diferença de opinião quanto à origem deste tipo de sacrifício. Alguns são de opinião que Deus os instituiu por uma ordem direta, enquanto outros afirmam que eles foram apresentados em obediência a um impulso natural do homem, aliado à reflexão. A Bíblia não registra nenhuma declaração especial no sentido de que Deus tivesse ordenado ao homem que o servisse

com sacrifícios naqueles dias primitivos. E não é impossível que o homem expressasse a sua gratidão e a sua devoção com sacrifícios, mesmo antes da queda, levado por estímulos internos da sua própria natureza. Mas a impressão que se tem é que os sacrifícios expiatórios após a queda só podem ter-se originado de uma determinação divina. Há uma força considerável nos argumentos do Dr. A. A. Hodge. Diz ele: — “[1] – *É inconcebível que a propriedade ou a provável utilidade de apresentar presentes materiais ao Deus invisível, e especialmente de tentar fazer propiciação a Deus pela matança de suas criaturas irracionais, ocorresse alguma vez à mente humana com uma inspiração espontânea. Todos os sentimentos instintivos e todas as pressuposições da razão teriam que aparecer, em primeira instância, para excluí-las. [2] – Na hipótese de que Deus quisesse salvar os homens, é inconcebível que Ele os deixasse sem instruções sobre uma questão de tão vital importância como a que se refere aos meios pelos quais eles poderiam chegar à sua presença e granjear o seu favor. [3] – É característico de todas as autorrevelações de Deus, em qualquer dispensação, que Ele se manifesta zeloso quanto a qualquer uso que o homem faça de métodos não autorizados de culto ou serviço. Ele insiste uniformemente neste exato ponto do seu soberano direito de ditar métodos de culto e serviço, bem como os termos de sua aceitação. [4] – De fato, o primeiro exemplo registrado de culto aceitável, na família de Adão, apresenta-nos sacrifícios cruentos e os sela com a aprovação divina. Eles aparecem no primeiro ato de culto (Gênesis 4:3, 4). São enfaticamente aprovados por Deus, tão logo aparecem”.*

*Os sacrifícios mosaicos foram claramente determinados por Deus.*

O Antigo Testamento nos ensina a considerar “*como vicários os sacrifícios que eram apresentados sobre o altar*”. Quando o israelita apresentava um sacrifício ao Senhor, tinha que pôr a mão sobre a cabeça do sacrifício

e confessar o seu pecado. Este ato simbolizava *“a transferência do pecado para a oferta e a tornava apta para expiar o pecado do ofertante”* (Levítico 1:4).

### *Satisfação.*

Este termo diz respeito à obra de Cristo realizada na cruz, ao suportar a punição exigida pela Lei. As Escrituras ensinam que a justiça de Deus foi violada e sua ira despertada pelo pecado de suas criaturas. Sua natureza santa exigia que o pecado fosse punido pela morte. No plano de Deus, Cristo suportou a penalidade da morte na cruz, pela qual satisfez a justiça divina, evitando sua ira. *“A satisfação está tão relacionada à expiação quanto o efeito à causa”*. Não se trata, aqui, estritamente de um termo bíblico, embora a idéia que representa esteja entretecida na estrutura dos dois Testamentos. Conforme registrado em Números 35:31, Deus determina, entre os preceitos da Lei, que: — “Não aceitem resgate pela vida de um assassino” (em algumas versões, em vez de “resgate”, está, na tradução, “expiação”). A palavra aqui no original hebraico é “kōper”, que significa, na verdade, *“o preço pago como uma compensação, ou satisfação”*. O sistema sacrificial do Antigo Testamento envolvia a idéia de satisfação. Quando uma vítima era morta e seu sangue espargido sobre o altar, acreditava-se ser satisfeita, ou aplacada, temporariamente, a ira de Deus contra o pecado. No Novo Testamento, Cristo efetiva o total cumprimento do sistema sacrificial: — é Ele o Cordeiro morto para remover o pecado do mundo (João 1:29); é a oferta pelo pecado (Romanos 8:3; 2 Coríntios 5:21), a oferta de aroma suave (Efésios 5:2), a oferta pacífica (Efésios 2:14), o cordeiro pascal (1 Coríntios 5:7). Isaías 53:4 – 6 fala a linguagem dessa expiação, dessa satisfação. A humanidade foi posta sob a maldição do pecado, realizável em si mesma; todavia, o “castigo” (musar) a nós imputado foi colocado sobre o Servo do Senhor, dando como resultado a experiência da “paz” de Deus, isto é, o perdão e a cura espiritual, para os pecadores.

O principal texto do Novo Testamento que nos ensina a respeito da satisfação é o que se encontra em Romanos 3:21 – 26. Em resposta ao pecado universal, e, para demonstrar sua justiça, “Deus o ofereceu (isto é, a Cristo) como sacrifício para propiciação (ἱλαστήριον<sup>103</sup>), mediante a fé, pelo seu sangue” (v. 25). O mesmo uso de “hilasmos” em 1 João 2:2 e 4:10 indica que Cristo tornou Deus propício a nós, ao suportar o castigo dos pecados que não eram seus, mas da humanidade. Como diz 2 Coríntios 5:21, Deus fez com que Cristo tomasse o lugar dos pecadores, sofresse a penalidade devida pelos pecados destes e os capacitasse, desse modo, a se tornarem justos perante um Deus justo. Paulo aborda em Gálatas 3:13 o mesmo assunto, da satisfação trazida pela “*substituição penal*” por Cristo. Pais da Igreja como Orígenes, Atanásio e Agostinho se mantiveram no espírito dos textos anteriormente citados, que ensinam que Cristo ofereceu satisfação devida a Deus ao levar sobre si a penalidade dos pecados do mundo. Foi Anselmo, no entanto, que desenvolveu extensamente a teoria da satisfação da expiação. Argumentou ele que, visto que o homem detinha o pecado, um homem deveria ressarcir o que era devido a Deus. Todavia, ninguém mais, a não ser Deus, poderia realizar a satisfação plena da penalidade devida pelos pecados do mundo. A morte do Deus–homem teve então o mérito infinito necessário e suficiente à realização dessa plena satisfação. Teólogos da ortodoxia protestante como Lutero, Calvino, Owen e Hodge, por sua vez, sustentaram a visão de satisfação plenamente realizada, com substituição penal, como também o fizeram a Confissão Belga, artigo XXI, a Confissão de Westminster, capítulo VIII.V, e os Trinta e Nove Artigos, artigo XXXI. Já os liberais como Ritschl, Harnack e W. N. Clarke (1841 – 1912), não concentraram seu foco na satisfação

---

<sup>103</sup> “Hilastérion” — Um adjetivo substantivo, derivado de [2433] “hilaskomai”, “propiciar” — o local da propiciação; a tampa da arca de ouro (o propiciatório) onde o sangue de um cordeiro vicário aplacou a ira de Deus sobre o pecado; “hilasmós” — propriamente, propiciação; uma oferta para satisfazer uma parte irritada e ofendida; “hilasmós” [2434] é usado apenas duas vezes (1 João 2:2; 4:10) — ambas as vezes do sangue expiatório de Cristo que apazigua a ira de Deus, em todo pecado confessado. Pelo sacrifício de si mesmo, Jesus Cristo forneceu o máximo “hilasmós” – “propiciação”.

prestada, pelo padecimento sofrido por Cristo, em lugar dos homens, a um Deus ofendido, mas concentraram-se na cruz como uma demonstração do amor divino, que constrange os pecadores a exercerem o amor em suas vidas.

No Novo Testamento, “ara” (ἄρα) ocorre somente em Romanos 3:14 (a citação da LXX de Salmos 9:28 [10:7]). Demonstra a pecaminosidade dos homens que vivem sob a Lei (cf. 9:19). Os hereges que seduzem almas desequilibradas são “filhos da maldição”, “κατάρως τέκνα” (2 Pedro 2:14). O terreno que, a despeito da chuva e do cultivo, somente produz espinhos e abrolhos é declarado em Hebreus 6:8, em linguagem figurativa *“perto da maldição”*. A passagem faz alusão a cristãos que, a despeito da bênção espiritual que receberam, decaem da fé (6:4 – 10). O verbo “katararomai” se acha na história da figueira que Jesus amaldiçoou porque não achou nela fruto (Marcos 11:21 – Fruto, “sykē”). A maldição se cumpriu e a árvore secou. Muitos expositores (inclusive A. Schlatter e J. Schniewind) vêem nesta história uma referência figurativa ao julgamento de Deus (cf. Lucas 13:6 – 9). Os homens não devem tomar parte ativa no julgamento divino, e, portanto, os cristãos estão proibidos de amaldiçoar (Romanos 12:14, 19). Paulo, ao dar esta instrução, está de acordo com a palavra de Jesus. Os discípulos devem amar seus amigos e abençoar aqueles que os amaldiçoam (Mateus 5:44; Lucas 6:28). A advertência dada em Tiago 3:9, 10 aponta na mesma direção. “Eparatos”, “maldito”, se acha somente em 7:49. Conforme a opinião dos fariseus, as pessoas que acreditam em Jesus são malditas. A causa de tal crença, segundo eles, somente poderia ser a ignorância da Lei. Aqui fica clara a inimizade dos fariseus contra Jesus. Para Jesus, porém, a maldição também *“torna evidente a finalidade do julgamento divino”*. Os malditos, “kateramenoí” (Mateus 25:41), são os pecadores que são condenados no juízo final. O adjetivo verbal, “epikataratos”, ocorre duas vezes no Novo Testamento (Gálatas 3:10 – 13).

Emprega-se no contexto de exposições nas quais Paulo fala da maldição da Lei e da redenção que há através de Cristo. A maldição da Lei significa ser entregue ao juízo e à ira de Deus, e ela abrange a totalidade da humanidade pecaminosa (Romanos 1:18; 2:5). A maldição afeta todos quantos não permanecem no cumprimento de todos os mandamentos da Lei (Gálatas 3:10). Paulo conclui, a partir de Levítico 18:5 e Deuteronômio 27:26, que todas as ações vêm sob o domínio da Lei. Os judeus e gentios que viveram sob o domínio do pecado, porém, não são cumpridores da Lei (Romanos 3:19), e, assim, permanecem sob a maldição. *“Jesus, que ficou pendurado na cruz como se fosse um maldito, e que morreu a morte de um criminoso, tomou sobre si a maldição que pairava sobre a humanidade pecaminosa, e, com ela, o julgamento divino”*. A prova bíblica é tirada de Deuteronômio 21:23. Aqui também se acha a idéia de substituição que é tão frequentemente expressada por Paulo (Romanos 3:25; 1 Coríntios 1:30; 2 Coríntios 5:21). Através da redenção por Cristo, a maldição da interdição<sup>104</sup> foi rompida. A bênção de Abraão agora pode vir àqueles que se apegam a Cristo pela fé. Como os redimidos que são chamados à filiação divina e que têm a vida através da crença, também recebem a plenitude da salvação que se vincula com a promessa do Espírito Santo (Gálatas 3:14; 4:5 e seguintes.)<sup>105</sup>.

Este Evangelho de vitória sobre a morte se expressa em muitos tipos diferentes de linguagem. Um conceito muito antigo e generalizado é aquele que se tira de Isaías capítulo 53, o conceito da morte de Jesus como sacrifício propiciatório (reconciliação, “hilaskomai”), que remove a culpa do pecado (Romanos 3:25, 26, uma fórmula antiga; 1 Coríntios 11:24, 25, palavras da eucaristia; cf. também Efésios 1:7; 1 Pedro 1:18, 19). Aqui também pode haver lugar para as idéias do

---

<sup>104</sup> Ver supra CL, 2.

<sup>105</sup> Lothar Coenen e Colin Brown. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, p. 105 – 106, 1322.

Antigo Testamento do sacrifício da aliança (Marcos 14:24; Hebreus 13:20) e do sacrifício da Páscoa (1 Coríntios 5:7). Além disto, podemos achar o conceito correlacionado da morte de Cristo como sacrifício substitucionário (2 Coríntios 5:21). A idéia do resgate também é frequente; este conceito tem sua origem nas leis da escravidão, mas é fortemente metafórico no seu uso cristológico (redenção, “lytron” – cf. Marcos 10:45; Gálatas 3:13; 2 Pedro 2:1)<sup>106</sup>.

*Os termos “lytron” e “antilytron” também são objetivos.*

Cristo é o “Goel”, o “Libertador” (Atos 20:28; 1 Coríntios 6:20; 7:23). Ele resgata os pecadores das exigências da justiça retributiva de Deus. *“O preço é pago a Deus por Cristo como representante do pecador”*. É evidente que a Bíblia nos justifica abundantemente na atribuição que fazemos de um caráter objetivo à expiação. Além disso, estritamente falando, a expiação, no sentido próprio da palavra, é sempre objetiva. Não existe expiação subjetiva. *“Na expiação é sempre a parte que agiu mal que faz reparações àquele que foi prejudicado pela má ação”*. Pelo que se vê, é claro ensino da Escritura que Deus, em virtude da sua retidão e santidade divina, não pode simplesmente passar por alto o desafio feito a sua majestade infinita, mas necessariamente deve visitar com punição o pecado. Diz-nos repetidamente a Bíblia que de modo algum Ele absorverá o culpado (Êxodo 34:7; Números 14:18; Naum 1:3). Ele odeia o pecado com ódio divino; todo o seu ser reage contra ele (Salmos 5:4 – 6; Naum 1:2; Romanos 1:18). Paulo argumenta, em Romanos 3:25, 26, que era necessário que Cristo fosse oferecido como sacrifício expiatório pelo pecado, a fim de que Deus pudesse ser justo ao justificar o pecador. O importante era que a justiça de

---

<sup>106</sup> J. Calvino, *Institutas*, II.XVI – XVII; L. Morris, *The Apostolic Preaching of the Cross*, London, 1965; J. R. W. Stott, *The Cross of Christ*, Leicester, 1986; O. Weber, *Foundations of Dogmatics*, Grand Rapids, MI, 1983, volume 2.

Deus fosse mantida. Isto mostra claramente o fato de que a necessidade da expiação decorre da natureza divina [voltar].

### *Substituição penal nos Pais da Igreja*<sup>107</sup>.

Aqui estão as vozes do Oriente e do Ocidente ao longo dos séculos IV a VII. Na minha opinião, é claro que os Padres acreditavam que a consequência penal do nosso pecado, a saber, a maldição da morte, foi visitada por Deus sobre o Senhor Jesus Cristo. Cristo, nosso Deus, não tinha pecado próprio, e ainda assim Ele enfrenta as consequências penais de ter pecado. Isto não implica o espantinho que postula que o Pai ficou emocionalmente perturbado e derramou sua fúria santa e não diluída sobre o Filho, mas significa mais do que meramente uma justiça positiva que mereceu a salvação.

Há também a questão de satisfazer a justiça divina, permitindo que Cristo pague a dívida da morte precisamente morrendo.

### *Santo Agostinho.*

*“A morte vem sobre o homem como o castigo do pecado, e assim é chamada pecado; não que um homem peque em morrer, mas porque o pecado é a causa de sua morte [...]”*. Assim, o pecado significa tanto uma má ação que merece punição, e a morte como consequência do pecado. Cristo não tem pecado no sentido de merecer a morte, mas Ele levou por nossos pecados o pecado no sentido da morte trazida à natureza humana pelo pecado. Isto é o que foi pendurado no madeiro; isso é o que foi amaldiçoado por Moisés. Assim foi a morte condenada a cessar seu reinado e amaldiçoada para que fosse destruída. Por Cristo tomando nosso pecado neste sentido, sua condenação é nossa libertação,

---

<sup>107</sup> [Penal Substitution in the Church Fathers](#), Tradução por Pr. Me. Plínio Sousa, Instituto Reformado Santo Evangelho — IRSE, 2020.

enquanto permanecer em sujeição ao pecado é ser condenado [...]. *O que Fausto acha estranho na maldição pronunciada sobre o pecado, na morte e na mortalidade humana, que Cristo tinha por causa do pecado do homem, embora Ele mesmo fosse sem pecado?* O corpo de Cristo foi derivado de Adão, pois sua mãe, a Virgem Maria, era filha de Adão. Mas Deus disse no Paraíso: — “No dia em que você comer, certamente você morrerá”. Essa é a maldição que pendia na árvore. Um homem pode negar que Cristo foi amaldiçoado, que nega que Ele morreu. Mas o homem que acredita que Cristo morreu, e reconhece que a morte é o fruto do pecado, e é chamada pecado, vai entender quem é amaldiçoado por Moisés, quando ele ouve o Apóstolo dizendo: — “Pois o nosso homem velho está crucificado com Ele”. O Apóstolo ousadamente diz de Cristo: — “Ele foi feito maldição por nós”, pois ele também poderia arriscar-se a dizer: — “Ele morreu por todos”. “Ele morreu” e “Ele foi amaldiçoado”, sendo os mesmos. A morte é o efeito da maldição; e todo pecado é amaldiçoado, quer signifique a ação que merece punição ou a punição que se segue. Cristo, embora sem culpa, tomou nosso castigo, para que Ele pudesse cancelar nossa culpa e acabar com nosso castigo [...].

A isenção da maldição de Adão implica a isenção de sua morte. Mas como Cristo suportou a morte como homem e para o homem; Assim também, Filho de Deus como Ele era, sempre vivendo em sua própria justiça, mas morrendo por nossas ofensas, Ele se submeteu como homem e pelo homem a suportar a maldição que acompanha a morte. E como Ele morreu na carne que Ele tomou ao suportar nosso castigo, assim também, enquanto sempre abençoado em sua própria justiça, Ele foi amaldiçoado por nossas ofensas, na morte que Ele sofreu ao suportar nosso castigo. O crente na verdadeira doutrina do Evangelho compreenderá que Cristo não é censurado por Moisés quando fala dEle como amaldiçoado, não em sua divina majestade, mas como pendurado no madeiro como nosso substituto, suportando

nossa punição. Se, então, você nega que Cristo foi amaldiçoado, você deve negar que Ele morreu; e então você tem que encontrar, não Moisés, mas os apóstolos. Confesse que Ele morreu, e você também pode confessar que Ele, sem levar o nosso pecado, tomou sua punição. Agora a punição do pecado não pode ser abençoada, ou então seria algo a ser desejado. A maldição é pronunciada pela justiça divina, e será bom para nós se formos redimidos dela. Confesse então que Cristo morreu e você pode confessar que Ele levou a maldição por nós; e que quando Moisés disse: — *“Maldito é todo aquele que está pendurado em um madeiro”*, ele disse de fato: — Pendurar-se em um madeiro é ser mortal, ou realmente morrer. Ele sabia que a morte do homem pecador, que Cristo embora sem pecado suportou, veio daquela maldição: — “Se você tocá-la, você certamente morrerá”. Assim também, a serpente pendurada no poste tinha a intenção de mostrar que Cristo não fingia a morte, mas a morte real na qual a serpente por seu conselho fatal, a humanidade foi pendurada na cruz da paixão de Cristo. Os Maniqueus se afastam da visão desta morte real, e assim eles não são curados do veneno da serpente, como lemos que no deserto tantos quantos olharam foram curados<sup>108</sup>”.

*Cirilo de Jerusalém.*

“E não admira que o mundo inteiro tenha sido resgatado; porque não era um simples homem, mas o Filho unigênito de Deus, que morreu em seu favor. Além disso, o pecado de um homem, até mesmo o de Adão, tinha o poder de trazer a morte ao mundo; mas se pela transgressão da morte reinou sobre o mundo, como não reinará a vida pela justiça do uno? E se por causa da árvore de alimento eles foram expulsos do paraíso, não crentes agora mais facilmente entrarão no paraíso por causa da Árvore (madeiro) de Jesus? Se o primeiro

---

<sup>108</sup> [Contra Fausto, Livro XIV.](#)

homem formado da terra trouxe morte universal, não será Ele que o formou fora da terra trazer a vida eterna, sendo Ele mesmo a vida? Se Fineias, quando se tornou zeloso e matou o malfeitor, afastou a ira de Deus, não será Jesus, que não matou outro, mas entregou-se a si mesmo em resgate, afastando a ira que é contra a humanidade?<sup>109</sup>”.

*Santo Atanásio de Alexandria.*

“E o Salmos 22 [...] — Eles perfuraram minhas mãos e meus pés — o que mais pode significar, exceto a cruz? E os Salmos 88 e 69, novamente falando em pessoa do próprio Senhor, nos dizem ainda mais que Ele sofreu essas coisas, não por causa dEle, mas pelas nossas. Tu fizeste com que a tua ira repousasse sobre mim, diz o outro; e o outro acrescenta, paguei-lhes coisas que nunca tirei. Pois Ele não morreu como se estivesse sujeito à morte: — sofreu por nós e gerou em si mesmo a ira que era a penalidade de nossa transgressão, assim como Isaías diz: — Ele mesmo levou nossas fraquezas. Assim, no Salmos 138 dizemos: — O Senhor fará retribuição por mim; e no 72 o Espírito diz: — Ele salvará os filhos dos pobres e fará caluniar o difamador, pois da mão do poderoso libertou o pobre homem, o homem necessitado a quem não havia quem o ajudasse<sup>110</sup>”.

*Santo Hilário de Poitiers.*

“Para o seguinte, segue: — “Eu irei sacrificar a vós livremente”. Os sacrifícios da Lei, que consistiam em holocaustos e oblações de cabras e touros, não envolviam uma expressão de livre arbítrio, porque a sentença de uma maldição era pronunciada sobre todos os que violavam a Lei. Quem não conseguiu sacrificar se colocou aberto à maldição. E sempre era necessário passar por toda a ação sacrificial,

---

<sup>109</sup> Conferência Catequética XIII.

<sup>110</sup> Carta a Marcelino.

porque a adição de uma maldição ao mandamento proibia qualquer banalidade para com a obrigação de oferecer. Foi desta maldição que nosso Senhor Jesus Cristo nos redimiu, quando, como diz o Apóstolo: — Cristo nos redimiu da maldição da Lei, sendo feito maldição por nós, pois está escrito: — maldito é todo aquele que está pendurado em um madeiro. Assim, ofereceu-se à morte do amaldiçoado para quebrar a maldição da Lei, oferecendo-se voluntariamente como vítima de Deus Pai, a fim de que, por meio de uma vítima voluntária, a maldição que interrompeu a vítima regular pudesse ser removida<sup>111</sup>”.

“Pois o Filho Unigênito de Deus não foi cortado pela morte. É verdade que, para levar toda a nossa natureza sobre Ele, Ele submeteu-se à morte, isto é, à aparente separação de alma e corpo, e fez o seu caminho até os reinos abaixo, a dívida que o homem deve manifestamente pagar: — mas Ele ressuscitou e permanece para sempre e olha para baixo com um olho que a morte não pode obscurecer sobre seus inimigos, sendo exaltado para a glória de Deus e nascido uma vez mais Filho de Deus depois de se tornar Filho do Homem, como Ele tinha sido Filho de Deus primeiro tornou-se Filho do Homem, pela glória da sua ressurreição<sup>112</sup>”.

*Eusébio de Cesaréia.*

“Ele então que estava sozinho entre que sempre existiram, a palavra de Deus, antes de todos os mundos, e Sumo Sacerdote de toda criatura que tem mente e razão, separou um das paixões semelhantes conosco, como uma ovelha ou cordeiro do rebanho humano, marcado sobre Ele todos os nossos pecados, e prendeu nEle bem como a maldição que foi julgada pela Lei de Moisés, como anuncia

---

<sup>111</sup> Santo Hilário de Poitiers, Homilia no Salmos 53.

<sup>112</sup> Ibid.

Moisés: — “Maldito é todo aquele que está pendurado em um madeiro”. Ele sofreu “sendo feito maldição por nós; e fazendo-se pecar por nós”. E então, “Ele o fez pecado por nós, aquele que não conheceu pecado”, e impôs a Ele todas as punições devidas a nós por nossos pecados, cordas, insultos, contumelias, açoites e golpes vergonhosos, e o troféu da coroa da cruz. E depois de tudo isso, quando Ele ofereceu uma oferta tão maravilhosa e vítima ao Pai, e sacrificou pela salvação de todos nós, Ele nos entregou um memorial para oferecer continuamente a Deus, em vez de um sacrifício<sup>113</sup>”.

“E qualquer judeu, é claro, que tenha se refugiado em Cristo, mesmo que não atenda mais às ordenanças de Moisés, mas viva de acordo com o novo pacto, está livre da maldição ordenada por Moisés, porque o Cordeiro de Deus certamente, não somente tomou sobre si o pecado do mundo, mas também a maldição envolvida na violação dos mandamentos de Moisés. O Cordeiro de Deus é feito tanto pecado quanto maldição – pecado pelos pecadores no mundo e maldição pelos que permanecem em todas as coisas escritas na Lei de Moisés. E assim o apóstolo diz: — “Cristo nos resgatou da maldição da Lei, sendo feito maldição por nós”; e “Aquele que não conheceu pecado, por nós se fez pecado<sup>114</sup>”.

“E o Cordeiro de Deus [...] foi castigado em nosso favor e sofreu uma penalidade que Ele não devia, mas que nós devíamos por causa da multidão de nossos pecados; e assim Ele se tornou a causa do perdão dos nossos pecados, porque Ele recebeu a morte por nós, e transferiu para si mesmo a flagelação, os insultos e a desonra, que deveria ser infligidos sobre nós, e atraiu sobre si a maldição designada, sendo feito maldição por nós<sup>115</sup>”.

---

<sup>113</sup> A Prova do Evangelho, Livro 1.10.

<sup>114</sup> Ibid.

<sup>115</sup> Ibid.

*Santo Ambrósio de Milão.*

“E então, Jesus tomou carne para destruir a maldição da carne pecaminosa, e Ele tornou-se para nós uma maldição, para que uma bênção pudesse sobrepujar uma maldição, que a retidão pudesse sobrepujar o pecado, que o perdão subjugasse a sentença e que a vida subjugasse a morte. Ele também assumiu a morte para que a sentença pudesse ser cumprida e satisfação pudesse ser dada para o julgamento, a maldição colocada na carne pecaminosa até a morte. Portanto, nada foi feito contrário à sentença de Deus quando os termos daquela sentença foram cumpridos, pois a maldição era até a morte, mas a graça é após a morte<sup>116</sup>”.

*Cirilo de Alexandria.*

Ele havia sofrido, por nossa causa, embora inocente, a sentença de morte. Pois, em sua própria Pessoa, Ele levou a sentença justamente pronunciada contra os pecadores pela Lei. Pois Ele se tornou “uma maldição para nós”, de acordo com as Escrituras: — “Porque amaldiçoado é todo mundo”, é dito, “que está pendurado em um madeiro”. E amaldiçoados somos todos nós, pois não somos capazes de cumprir a Lei de Deus: — “Porque em muitas coisas todos nós tropeçamos”; e muito propensa ao pecado é a natureza do homem. E desde então, também, a Lei de Deus diz: — “Maldito é aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no livro desta Lei, para fazê-las”, a maldição, então, pertence a nós, e não aos outros. Para aqueles contra quem a transgressão da Lei pode ser carregada, e que são muito propensos a errar de seus mandamentos, certamente merecem castigo. Portanto, aquele que não conheceu pecado foi

---

<sup>116</sup> Flight from the World, in the Fathers of the Church, Volume 65, p. 314 – 315; taken from Pierced for Our Transgressions: Rediscovering the Glory of Penal Substitution by Steve Jeffery, Michael Ovey, and Andrew Sach, p. 175.

amaldiçoado por nossa causa, a fim de nos livrar da velha maldição. Pois todo-suficiente era o Deus que está acima de tudo, morrendo por todos; e pela morte de seu próprio corpo, comprando a redenção de toda a humanidade<sup>117</sup>”. “A cruz, então, que Cristo gerou, não era para os seus próprios desertos, mas era a cruz que nos aguardava, e era a nossa dívida, através da nossa condenação pela Lei. Porque, assim como foi contado entre os mortos, não por si mesmo, mas por nossa causa, para que nEle pudéssemos encontrar o “autor da vida eterna”, subjugando consigo mesmo o poder da morte; assim também Ele tomou sobre si a cruz que era nossa, passando sobre si a condenação da Lei, para que a boca de toda iniquidade pudesse agora ser detida, de acordo com as palavras do salmista; os sem pecado sofreram condenação pelo pecado de todos<sup>118</sup>”. “E o título continha uma caligrafia contra nós – a maldição que, pela Lei Divina, impende sobre os transgressores, e a sentença que saiu contra todos os que erraram contra aquelas antigas ordenanças da Lei, como a maldição de Adão, que saiu contra toda a humanidade, em que todos quebraram os decretos de Deus. Pois a ira de Deus não cessou com a queda de Adão, mas Ele também foi provocado por aqueles que depois dele desonraram o decreto do Criador; e a denúncia da Lei contra os transgressores foi estendida continuamente sobre todos. Fomos, então, amaldiçoados e condenados pela sentença de Deus, por meio da transgressão de Adão e pela violação da Lei estabelecida depois dele; mas o salvador apagou a escrita de mãos contra nós, cravando o título em sua cruz, que muito claramente apontava para a morte na cruz que Ele sofreu para a salvação dos homens, que estavam sob condenação. Por nossa causa, Ele pagou a penalidade pelos nossos pecados. Pois embora Ele fosse aquele que sofreu, ainda estava Ele bem acima de qualquer criatura, como Deus, e mais precioso do que a vida de todos<sup>119</sup>”. “O unigênito foi feito homem,

---

<sup>117</sup> Comentário sobre João, Livro XII.

<sup>118</sup> Ibid.

<sup>119</sup> Ibid.

tomou um corpo por natureza em inimizade com a morte, e se fez carne, de modo que, suportando a morte que estava sobre nós como resultado de nosso pecado, Ele pudesse abolir o pecado; e além disso, para que Ele ponhasse um fim às acusações de Satanás, visto que pagamos em Cristo as penalidades pelas acusações de pecado contra nós: — “Porque Ele levou os nossos pecados e foi ferido por causa de nós”, de acordo com a voz do profeta. Ou não somos curados por suas feridas?<sup>120</sup>”.

*Gregório Magno.*

“Pois “Ele foi destruído sem causa”, que foi imediatamente pesado na terra pela vingança do pecado e não foi contaminado pela poluição do pecado. Ele “foi destruído sem causa”, que, sendo feito encarnado, não tinha pecados próprios, e ainda ser sem ofensa tomou sobre si o castigo do carnal. Pois é por isso que falando pelo Profeta Ele diz: — Então eu restaurei aquilo que não tirei. Pois aquele outro que foi criado para o Paraíso, em seu orgulho usurpou a aparência do poder Divino, ainda assim o Mediador, que era sem culpa, descarregou a culpa daquele orgulho. É por isso que um sábio diz ao Pai — *“Portanto, como tu és justo, tu ordenas todas as coisas com retidão; Tu também o condenas que não merece ser punido*<sup>121</sup>”. [...] Mas devemos considerar como Ele é justo e ordena todas as coisas, se Ele condena aquele que não merece ser punido. Pois nosso Mediador não merecia ser punido por Ele mesmo, porque Ele nunca foi culpado de qualquer contaminação do pecado. Mas se Ele não tivesse realizado uma morte não devida a Ele, Ele nunca teria nos libertado de uma que era justamente devida a nós. E assim, enquanto “O Pai é justo”, ao punir um homem justo,

---

<sup>120</sup> De Adoratione et cultu in spiritu et veritate, III, 100 – 102, in J.P. Migne (ed.), Patrologiae Cursus Completus: Series Graeca, Volume 68, Paris, 1857, p. 293, 296; English trans. from Garry J. Williams, A Critical Exposition of Hugo Grotius’s Doctrine of the Atonement in De Satisfactione Christi, unpub. doctoral thesis, University of Oxford, 1999, all taken from Pierced for our Transgressions, p. 180.

<sup>121</sup> Wisd. 12, 15. Vulg.

“Ele ordena todas as coisas com justiça”, na medida em que por estes meios Ele justifica todas as coisas, visto que, por causa dos pecadores, Ele condena aquele que não tem pecado; que todos os eleitos [“electa omnia”] podem subir até a altura da justiça, na proporção em que aquele que está acima de tudo foi submetido às penalidades de nossa injustiça. O que então está naquele lugar chamado “ser condenado sem merecer”, é aqui dito como “afligido sem causa”. Ainda que a respeito de si mesmo estivesse “aflito sem causa”, com respeito a nossos atos não era “sem causa”. Porque a ferrugem do pecado não poderia ser removida, exceto pelo fogo do tormento, Ele então veio sem pecado, que deveria submeter-se voluntariamente ao tormento, para que os castigos devidos à nossa iniquidade pudessem justamente afrouxar as partes a Ele detestáveis, em que eles tinham injustamente mantido Ele, que estava livre delas. Assim foi sem causa, e não sem motivo, que Ele estava aflito, que na verdade não tinha crimes em si mesmo, mas que limpou com o seu sangue a mancha da nossa culpa<sup>122</sup>”.

*João Crisóstomo.*

“Aquele que não conheceu pecado se fez pecado para vocês”. Pois se Ele não tivesse conseguido nada além de ter feito apenas isso, pense em quão grande coisa foi dar seu Filho por aqueles que o ultrajaram. Mas agora Ele alcançou bem as coisas poderosas e, além disso, sofreu aquele que não errou ao ser punido por aqueles que haviam cometido erros. Mas Ele não disse isso: — mas mencionou o que é muito maior do que isso. O que então é isso? “*Aquele que não conheceu pecado*”, ele diz, aquele que era a própria justiça, “*Ele se fez pecado*”, que sofreu como um pecador para ser condenado, como alguém amaldiçoado a morrer. “Pois amaldiçoado é aquele que está pendurado em um

---

<sup>122</sup> Moral no Livro de Jó, Livro III, 26 – 27.

madeiro”. Pois morrer assim era muito maior do que morrer; e isto Ele também em outro lugar implicando, diz: — “*Tornando-se obediente até a morte, sim a morte da cruz*”. Pois isso, não é só punição, mas também desgraça. Reflita, portanto, quão grandes coisas Ele concedeu a vocês. Pois uma grande coisa, de fato, era mesmo um pecador morrer por qualquer um; mas quando aquele que sofre isso é justo e morre pelos pecadores; e não morre somente, mas como um amaldiçoado; e não como amaldiçoado (morre) somente, mas assim livremente nos concede aqueles grandes bens que nós nunca procuramos<sup>123</sup>”. “Portanto, não tenhamos medo do Inferno, a não ser que ofendamos a Deus; pois é mais doloroso do que quando Ele se desvia na ira: — isso é pior que tudo, mais pesado que todos. E para que vocês aprendam o que é uma coisa, considere isso que eu digo. Se alguém que era um rei, vendo um ladrão e malfeitor sob castigo, deu seu bem-amado filho, seu unigênito e verdadeiro, para ser morto; e transferiu também a morte e a culpa, dele para seu filho (que não possuía tal caráter), a fim de salvar o condenado e livrá-lo de sua má reputação; e então se, depois de tê-lo promovido a uma grande dignidade, ele ainda tivesse, depois de salvá-lo e promovê-lo àquela glória indescritível, fosse ultrajado com a pessoa que recebera tal tratamento: — não faria esse homem, se tivesse algum sentido, escolhido dez mil mortes em vez de parecer culpado de tão grande ingratidão?<sup>124</sup>”.

### *Teodoreto de Ciro.*

“Libertarei tudo da morte, não apenas como um exercício de misericórdia, mas na justiça e misericórdia, e não em virtude de qualquer poder arbitrário, mas como exercício legítimo de poder. Eu paguei a dívida pela natureza humana. Embora não seja responsável

---

<sup>123</sup> 2 Coríntios, Homilia XI.

<sup>124</sup> Ibid.

pela morte, eu a suporto; embora não estivesse sujeito a isso, eu passei por isso; embora não seja necessário para prestar contas, fui alistado com aqueles que assim exigiram; embora livre de dívidas. Fui classificado com os devedores, paguei a dívida da natureza e, ao suportar uma morte injusta, liberei aqueles pelos quais a morte é merecida. Por ser injustamente detido, libero da prisão aqueles que são justamente mantidos lá. Oh! Vingador cruel do pecado, olhe para a dívida da natureza apagada, olhe para Ele pregado na cruz e o decreto do pecado abolido. Veja como nenhum vestígio de pecado é inserido. Os olhos deste corpo pagaram por olhos que olhavam para as coisas más; aqueles ouvidos pagaram pelas orelhas que foram expostas à sujeira; esta língua por línguas se moveu em transgressão da Lei; aquelas mãos para as mãos que realizaram ações perversas; aqueles outros membros para membros que perpetravam o mal de qualquer tipo. Agora que a dívida é paga, é apropriado que aqueles que foram detidos em sua prisão sejam libertados e recuperem sua liberdade anterior, e entrem em seu patrimônio<sup>125</sup>”.

*Substituição, imputação e justificação por meio do sangue.*

Os puritanos<sup>126</sup> afirmavam que há três coisas envolvidas na purificação do pecado operado por Cristo. Em primeiro lugar, existe a substituição. Na salvação, Jesus Cristo toma nosso lugar, assumindo nossos deméritos e nos dando todos os seus méritos. Mais uma vez, Charnock assinalou: — “Ele recebeu nossos males para nos outorgar seu bem e se pôs debaixo de nossa maldição para nos conceder suas bênçãos; suportou o pior castigo resultante daquela ira que merecíamos para nos conferir a graça que Ele havia adquirido. O pecado em nós, do qual Ele estava livre, foi por sentença divina

---

<sup>125</sup> São Teodoro de Ciro, Divina Providência, Discurso 10, 433 – 437 d.C.

<sup>126</sup> BEEKE, Joel R. e JONES, Mark. Título do original: A Puritan theology: doctrine for life, Título português: Teologia Puritana — Doutrina para a vida, Edições Vida Nova, São Paulo, Capítulo 23, p. 523 – 526.

transferido para Ele, como se Ele fosse culpado a fim de que a justiça que Ele tem, da qual não tínhamos absolutamente nada, fosse transferida para nós, como se fôssemos inocentes. Ele foi feito pecado, como se tivesse cometido todos os pecados dos homens, e fomos feitos justiça, como se não tivéssemos cometido pecado algum<sup>127</sup>”.

Nas palavras de Ambrose: — “Cristo agora tomou o lugar dos pecadores, e Deus Pai o expulsou (por assim dizer) para estar entre os pecadores: — Ele recolheu sua misericórdia num canto onde não podia ser vista nem ouvida, e, como consequência, (Cristo) bradou numa espécie de espanto: — Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?<sup>128</sup>”. Segundo Ambrose, essa tristeza foi o cumprimento do “pacto e acordo mútuos entre Deus e Cristo”. “Deus Pai atribui a Jesus Cristo os pecados de seus eleitos: — o Senhor fez cair a maldade de todos nós sobre Ele (Isaías 53:6) [...] Ele levou os pecados como um carregador que leva o fardo em lugar de outro que não consegue suportar seu peso; Ele os levou ao sofrer o castigo que mereciam<sup>129</sup>”.

Em segundo, existe a imputação, que está intimamente ligada à substituição, embora considere a substituição de forma mais forense ou judicial. “Imputação é o conceito de fé segundo o qual Deus atribui a Cristo a injustiça dos ímpios e atribui aos ímpios pecadores a justiça de Cristo”. Conforme Charnock escreveu: — “Não somos justos diante de Deus devido a uma justiça intrínseca, mas devido a uma justiça imputada, como também Cristo não se fez pecado devido a uma culpa intrínseca, mas a uma culpa imputada. Assim como sua justiça é passada para nós, da mesma maneira nosso pecado foi passado para Ele. A justiça era intrínseca nEle, mas foi imputada a

---

<sup>127</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:519.

<sup>128</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 380.

<sup>129</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 382.

nós; o pecado era intrínseco em nós, mas foi imputado a Ele<sup>130</sup>". A imputação é possível por meio de nossa união legal e pactual com Cristo, assim como a imputação do pecado de Adão se baseia em nossa união original e pactual com ele. Charnock explicou: — “Se não tivéssemos tido uma união real com Adão e se não tivéssemos estado originalmente nele, seu pecado não poderia ter sido imputado a nós assim como o pecado dos anjos caídos não poderia ser considerado nosso. De sorte que, se não estamos unidos a Cristo, sua justiça não pode ser atribuída a nós assim como a justiça dos anjos que permaneceram fiéis não pode ser imputada a nós. Temos, portanto, de estar em Cristo tão concretamente como estávamos em Adão, embora não exatamente da mesma maneira. Estávamos em Adão originalmente, estamos em Cristo legalmente; mas essa união é vista no juízo divino de tal forma como se houvesse uma união original. Por esse motivo, os crentes são chamados de posteridade de Cristo (Isaías 53:10; Salmos 22:30)<sup>131</sup>".

Em terceiro, existe a justificação, que consiste no perdão dos pecados e no direito à vida eterna. A expiação total que Cristo realizou por meio de seu sangue (chamada de obediência passiva) e sua obediência perfeita à Lei (chamada de obediência ativa) satisfazem plenamente a justiça ofendida de Deus. Essa dupla obediência propicia justificação completa, que o pecador recebe pela fé. De acordo com Goodwin, visto que “Deus tinha uma escrita de dívida contra nós” (Colossenses 2:14), Cristo “pagou aquela dívida, pagou um resgate equivalente por ela, “antilytron<sup>132</sup>” (1 Timóteo 2:6) e cancelou aquela escrita de dívida

---

<sup>130</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ's blood”, in: Works, 3:519.

<sup>131</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ's blood”, in: Works, 3:521.

<sup>132</sup> Strong — 487 — “ἀντίλυτρον”, “ου”, “τό” — “antilytron” — de [473] — “antí”, “correspondente a, em vez de — troca” e [3083] — “lytron”, “preço de resgate” — adequadamente, “um resgate completo”, referindo-se a Cristo pagando o preço de compra completo para garantir nossa liberdade (redenção) — ou seja, Cristo trocando sua justiça eterna por nossos pecados (cf. Romanos 3:26; 2 Coríntios 5:21).

(Colossenses 2:13 [sic<sup>133</sup> 14])<sup>134</sup>”. Cristo também “cumpriu toda a justiça ativa da Lei, pois assim de fato ‘convinha a Ele’, que é nosso sumo sacerdote, ‘que é santo, inocente, imaculado’, etc. (Hebreus 7:26) [...] — De modo que Cristo afirma: — ‘faço sempre o que lhe agrada’ (João 8:29)<sup>135</sup>”.

A expiação com o sangue de Cristo é a base para o perdão dos pecados do pecador, “no entanto, o perdão real não é concedido sem crer<sup>136</sup>”. Sobre isso, Charnock comentou: — “Um veredito de inocente é dado no tribunal de Deus, quando esse sangue é invocado, e um veredito de inocente é registrado na consciência, quando esse sangue é aspergido. Ele satisfaz a justiça de Deus e extingue a ira. Quando esse sangue é invocado perante seu tribunal, ele silencia as acusações de pecado; e acalma os tumultos numa consciência em conflito, quando é aspergido na alma<sup>137</sup>”. A obediência de Cristo à Lei é o fundamento do direito do pecador à vida eterna. Charnock afirmou: — “Visto que a Lei não é revogada (pela queda do homem), ela precisa ser minuciosamente obedecida; sua dignidade tem de ser preservada; nós não conseguimos observá-la, foi só Cristo quem a guardou e nunca a violou e suportou o castigo dela em nosso lugar, não por si mesmo”. A virtude da obediência perfeita de Cristo “precisa ser transferida para nós, o que não é possível acontecer de nenhuma outra maneira senão mediante imputação — ou atribuição dela a nós — quando nos tornamos um só corpo com Ele<sup>138</sup>”. Thomas Goodwin chega à seguinte conclusão: — “Mediante esta obediência — tanto ativa quanto passiva — dEle, por meio da aceitação da

---

<sup>133</sup> O advérbio latino “sic” (por extenso: — “sic erat scriptum”, traduzido como “assim estava escrito”) é inserido após um termo ou expressão para indicar que uma citação foi transcrita exatamente como encontrada no texto de origem, incluindo erros gramaticais ou ortográficos, bem como usos arcaicos de linguagem, raciocínio lógico falho ou qualquer outro problema que poderia ser considerado erro de quem transcreveu. É traduzido como “assim”, “desta forma”.

<sup>134</sup> Goodwin, “Reconciliation by the blood of Christ”, in: Works, 5:507 – 508.

<sup>135</sup> Goodwin, “Reconciliation by the blood of Christ”, in: Works, 5:508.

<sup>136</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:522.

<sup>137</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:505 – 506.

<sup>138</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:519.

pessoa dEle, que a realizou, (Jesus) completou a obra de reconciliação com seu Pai<sup>139</sup>”.

Nem todos concordavam com essa posição, em especial os socinianos. Ambrose assinalou a oposição deles: — “Em tempos recentes, surgiu uma grande controvérsia sobre “se a morte de Cristo é vindicação feita à justiça divina”. Mas as próprias palavras “remir”, “redimir” e “comprar” demonstram com clareza que satisfação foi feita a Deus pela morte de Jesus. “[Ele] se entregou a si mesmo por nós para nos remir” (Tito 2:14). “Fostes comprados por preço” (1 Coríntios 6:20). E que preço foi esse? Ora! Seu próprio sangue. “Foste morto, e com o teu sangue nos compraste para Deus” (Apocalipse 5:9), isto é, com sua morte e paixão. Esse foi o “lutron”, aquele resgate que Cristo fez pelos seus eleitos. “O Filho do homem veio para dar a vida em resgate de muitos” (Mateus 20:28). Ou, nas palavras do apóstolo, “Ele se entregou em resgate por todos” (1 Timóteo 2:6); aqui a palavra é “antilutron”, que significa preço adequado ou resgate equivalente (um “contrapreço”), como quando alguém faz algo ou se submete a algo em lugar de outrem, como quando alguém se entrega para ser prisioneiro para resgatar outrem do cativeiro ou como quando alguém dá sua própria vida para salvar a vida de outro homem. Assim Cristo se deu (“antilutron”) como compensação ou “contrapreço”, submetendo-se a igual castigo que seus redimidos deveriam ter experimentado<sup>140</sup>”. Ambrose advertiu sobre o perigo de se fazer separação entre a obediência ativa e a obediência passiva de Cristo: — “Se a morte de Cristo é minha, então a vida de Cristo é minha. Não se pode separar a obediência ativa e a obediência passiva de Cristo; Cristo não está dividido. Não devemos buscar uma parte de nossa justiça em seu nascimento, outra parte em sua santidade intrínseca, outra na integridade de sua vida, outra em sua obediência

---

<sup>139</sup> Goodwin, “Reconciliation by the blood of Christ”, in: Works, 5:509.

<sup>140</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 381 – 382.

até a morte. Aqueles que se esforçam por fazer separação entre a obediência ativa e a obediência passiva de Cristo depreciam muitíssimo a Cristo e fazem dEle um salvador pela metade; afinal, Cristo não era nosso fiador (Hebreus 7:22)? E, com isso, não estava destinado a cumprir por nós toda justiça? Ou seja, assim como sofreu em nosso lugar, assim também obedeceu em nosso lugar. Tende cuidado para não opor a morte de Cristo à vida de Cristo ou para não separá-las. Ou temos o Cristo todo, ou não temos parte alguma em Cristo<sup>141</sup>” [voltar].

*Fé no sangue e santificação por meio do sangue.*

Pela fé o sangue de Cristo é recebido e aspergido pelo Espírito de Cristo na consciência do crente. Charnock afirmou: — “*que nesse ato de fé o pecador é levado a estar disposto a receber Cristo nas condições que lhe são apresentadas. Visto que um mediador não é mediador de apenas uma parte, mas supõe-se que na mediação existam duas partes, então tem de haver concordância de ambas as partes. A concordância de Deus se manifesta em dar; a nossa concordância, em receber, o que é uma designação dada à fé (João 1:12); a concordância de Deus está em designar e aceitar a expiação, e a nossa, em receber a expiação, que na prática é a mesma coisa que “receber perdão dos pecados” (Romanos 5:11)*<sup>142</sup>”.

Tendo em vista o valor infinito do sangue expiatório de Cristo, nenhum pecado pode impedir o pecador de receber misericórdia mediante a fé. Charnock o expressa com muita competência: — “*A natureza dos pecados e sua escuridade não são levadas em conta, quando esse sangue é colocado em oposição a eles. Deus olha apenas aquilo que os pecadores*

---

<sup>141</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 385.

<sup>142</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:521.

*são, se eles se arrependem e creem*”. Ele prossegue dizendo que a justificação pela fé por meio do sangue de Cristo é suficiente para todos os pecados, *“os pecados de todas as pessoas que creem em todos os lugares, em todas as épocas do mundo, desde o primeiro momento em que o homem pecou até o último pecado cometido na terra”<sup>143</sup>*.

Ambrose afirmou que é fácil para muitos homens crerem que Cristo morreu pelos pecadores porque tais homens não têm nenhuma idéia de sua perversidade e indignidade. Mas a pessoa humilhada por seus pecados exclama: — *“Será possível que Cristo morreria, sofreria, derramaria seu sangue por mim? [...] Não consigo acreditar que o Filho de Deus se tornaria homem, viveria entre homens e teria uma morte assim, a saber, a morte de cruz, por alguém como eu. É um abismo impossível de perscrutar. Quanto mais penso a respeito, mais atônito fico com tudo isso”<sup>144</sup>*. Ambrose também alertou que a fé em Cristo é mais do que mera resposta emotiva à história de seus sofrimentos. A compaixão humana natural pode ser despertada pela história de alguém sofrendo, mas isso não é fé em Cristo. Ambrose afirmou que a fé olha para *“o sentido, o objetivo e o propósito de Cristo com seus sofrimentos”*, a saber, *“nos resgatar da escravidão da morte e do Inferno”* e *“nos libertar do pecado [...] destruí-lo, matá-lo, crucificá-lo”<sup>145</sup>*. Charnock explicou com precisão o papel da fé na justificação: — *“Essa fé não é nossa justiça nem jamais é assim chamada, mas temos uma justiça por meio da fé. Pela fé ou por meio da fé é a linguagem utilizada pelo apóstolo: — “fé em seu sangue” (Romanos 3:22, 25), fé que se esforça para alcançar seu sangue, abraça seu sangue, sorve seu sangue propiciador e o apresenta em sua defesa. Embora a fé seja os olhos e as mãos da alma — levantar os olhos e estender as mãos para a totalidade de Cristo conforme oferecido na promessa — nesse ato de fé, para que*

---

<sup>143</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:518.

<sup>144</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 391.

<sup>145</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 392 – 394.

*(o pecador) seja liberto da culpa do pecado, a própria fé se apega a Cristo como sacrifício, ela confia firmemente nEle como aquele que paga o preço, toma esse sangue como sangue derramado em favor da alma e insiste que ele tem valor suficiente perante Deus — [...] De maneira que — somos justificados pela fé e não que a fé nos justifica. A eficácia está no sangue de Cristo; sua recepção, na nossa fé (Romanos 5:1)<sup>146</sup>”.*

Charnock destacou “a suficiência do sangue de Cristo recebido pela fé, assinalando que o primeiro pecado acerca do qual lemos que foi purificado por esse sangue (após o seu derramamento) foi a mais monstruosa perversidade já cometida debaixo do sol, a saber, o assassinato do Filho de Deus (Atos 2:36, 38). De modo que, supondo-se que um homem fosse capaz de despedaçar o céu e a terra, assassinar todo o restante da humanidade, destruir os anjos — aquelas magníficas obras de arte da criação — não teria ficado com uma culpa tão monstruosa quanto ficaram aqueles que crucificaram o Filho de Deus, cuja pessoa era infinitamente superior a toda a criação. Com isso, Deus nos proporcionou, então, uma experiência do valor incalculável do sangue de Cristo e de sua eficácia inesgotável. Bem pôde o apóstolo dizer: — O sangue de Cristo nos purifica de todo pecado<sup>147</sup>”.

O sangue de Cristo foi derramado não apenas para a justificação, mas também para a santificação. Conforme destacado por Charnock: — “há uma purificação da culpa e uma purificação da imundície; ambas as purificações são fruto desse sangue: — “a culpa é removida por remissão, a imundície, por depuração”. Cristo faz ambas: — “nos purifica de nossa culpa, pois é nossa justiça; de nossa mácula, pois é nossa santificação, visto que é as duas

---

<sup>146</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:522.

<sup>147</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:518.

*coisas para nós” (1 Coríntios 1:30) a primeira por causa de seu mérito, a segunda por causa de sua eficácia, a qual exerce pelo seu Espírito<sup>148</sup>”.*

Citando as promessas da aliança de Hebreus 10:14 – 17, que se cumpriram no sacrifício de Cristo oferecendo a si mesmo na cruz, Goodwin escreveu: — *“A conclusão disso é que a justificação é eterna [...] E, portanto, a santificação também é eterna, e ele baseia ambas no mérito daquela única oferta<sup>149</sup>”.*

A santificação do crente é objetivamente realizada já na morte de Cristo, é subjetivamente aplicada na conversão e é progressivamente aperfeiçoada no crescimento espiritual. Ambrose escreveu: — *“Assim como Cristo morreu pelo pecado, o crente morreu para o pecado<sup>150</sup>”.* Deste modo, a mortificação de todo pecado em seu *“poder dominador”* é *“a própria pedra de toque do cristão”* e a prova de nossa participação na morte de Cristo<sup>151</sup>. Ambrose ainda afirmou que a morte de Cristo cria no verdadeiro crente uma tristeza pelo pecado, um desejo de estar livre de todo pecado, uma luta poderosa contra o pecado e um número cada vez maior de vitórias sobre as concupiscências do pecado<sup>152</sup>.

O poder da cruz não opera de forma anônima, antes, mediante a palavra da cruz, o Evangelho de Cristo. O conhecimento do Cristo crucificado nos santifica de vários modos.

---

<sup>148</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:504.

<sup>149</sup> Goodwin, “Reconciliation by the blood of Christ”, in: Works, 5:510.

<sup>150</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 386.

<sup>151</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 386 – 387. A pedra de toque era uma pedrinha escura e chata em que metais preciosos eram esfregados a fim de se determinar sua composição e liga e, assim, saber seu valor real. Tornou-se uma metáfora que designa maneiras de testar ou verificar a qualidade de uma coisa. O equivalente atual seria o tornassol, que é composto de substâncias químicas que mudam de cor indicando se a solução é ácida ou básica.

<sup>152</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 388 – 389.

Charnock mencionou cinco: — [A] — Primeiro, avivando nosso arrependimento. Não podemos olhar para o sangue de Cristo sem nos entristecer com o fato de que nossos pecados o pregaram na cruz e causaram o derramamento do seu sangue. Charnock indagou: — *“Será que não deveríamos sangrar sempre que pensamos seriamente no sangramento de Cristo por nós?”*. Por sua vez, essa tristeza nos faz detestar nosso pecado. Ele escreveu: — *“É o ‘olhar para o Cristo traspassado’ que traspassa a alma (Zacarias 12:10). Será que esse sangue não deve nos dar a conhecer que a perversidade do pecado era tão grande que o pecado não poderia ser apagado nem mesmo pelo sangue de toda a criação? Não ficamos pasmos diante do fato de que ninguém teve força suficiente para enfrentá-lo senão alguém igual a Deus? Tal assombro não deveria nos levar a reflexões penitentes?”*<sup>153</sup>. [B] — Segundo, avivando nossa fé. Charnock afirmou: — *“Quando olhamos para Cristo crucificado, como é possível não confiar em Deus, o qual, em termos claros, escreveu usando linguagem de que não poupará nada por nós, visto que não poupou o melhor que possuía. Que segurança maior Ele pode oferecer? Onde existe algo no céu ou na terra que possa ser uma garantia maior de sua afeição?”*<sup>154</sup>. [C] — Terceiro, avivando nossa oração. Charnock escreveu: — *“Devemos pensar acerca da cruz cada vez que nos aproximamos de Deus em oração, [pois] foi devido a essa morte que o trono de Deus se abriu. Isso eliminará aquele medo que nos enfraquece (na oração). Tranquilizará nossas almas para que ofereçam petições agradáveis a Deus”*<sup>155</sup>.

Ambrose acrescentou que olhar para Cristo avivará nossos louvores: — *“Dilata-te, ó minha alma! Exclama os louvores de teu Cristo. Conta a todo o mundo sobre aquele ardentíssimo amor de Cristo, que com seu sangue fluiu de todas as suas feridas até o teu espírito; afina bem teu instrumento de corda e*

---

<sup>153</sup> Charnock, “Knowledge of Christ crucified”, in: Works, 4:504 – 505.

<sup>154</sup> Charnock, “Knowledge of Christ crucified”, in: Works, 4:505.

<sup>155</sup> Charnock, “Knowledge of Christ crucified”, in: Works, 4:505.

*conserva a companhia de todos os anjos do céu e de todos os seus santos na terra. Canta aquele salmo do teólogo João: — “Aquele que nos ama e nos libertou dos nossos pecados pelo seu sangue, e nos constituiu reino e sacerdotes para Deus, seu Pai; a Ele sejam glória e domínio pelos séculos dos séculos. Amém” (Apocalipse 1:5, 6)<sup>156</sup>. [D] – Quarto, avivando nossa santidade. Charnock escreveu: — “Não deveríamos achar nenhum fascínio no pecado, algo que não possa ser sobrepujado por aquele amor encantador que borbulha em cada gota do sangue do Redentor. Poderíamos nós, com tão vividas lembranças disso, pecar contra tanta ternura, compaixão, graça e as outras perfeições de Deus, as quais, vindas da cruz de Jesus, soam tão alto em nossos ouvidos? Poderíamos nós pensar nEle pendurado ali para nos livrar do Inferno e, ainda assim, manter qualquer espírito que nos leve a andar no caminho que conduz àquele lugar?<sup>157</sup>”. Charnock se tornou, então, ainda mais direto: — “Poderíamos vê-lo gemendo em nosso lugar e em nosso benefício e ousaríamos lhe dizer com nosso comportamento indigno que não temos consideração por Ele e que Ele poderia ter se poupado das suas dores? [...] Poderíamos ter qualquer prazer naquilo que provocou tanta dor em nosso melhor amigo?”. Charnock concluiu que, quando não meditamos no sangue substitutivo de Cristo, tendemos a continuar no pecado, como se Cristo tivesse morrido para nos dar licença para pecar e não para destruir o pecado. Por outro lado, a reflexão diária sobre seu sangue sufocará o mundanismo e a impiedade que atormentam nossa alma<sup>158</sup>. [E] – Por fim, avivando nosso consolo. Nas palavras de Charnock: — “que consolo poderia nos faltar quando olhamos para Cristo crucificado como nosso fiador e olhamos para nós mesmos como crucificados nEle, quando consideramos que nossos pecados foram castigados nEle e que nós mesmos fomos aceitos em virtude de sua cruz?”. Ele então apresenta uma síntese*

---

<sup>156</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 404.

<sup>157</sup> Charnock, “Knowledge of Christ crucified”, in: Works, 4:505.

<sup>158</sup> Charnock, “Knowledge of Christ crucified”, in: Works, 4:506.

desses consolos: — *“Consideremos atentamente o Cristo crucificado, o remédio para todas as nossas desgraças. Sua cruz assegurou uma coroa, sua paixão fez expiação por nossa transgressão. Sua morte tirou o poder da Lei, seu sangue lavou a alma do crente. Sua morte é a destruição de nossos inimigos, a fonte de nossa felicidade e o testemunho eterno do amor divino<sup>159</sup>”* [voltar].

## APÊNDICE

*Vitória por meio do sangue.*

Charnock ensinava que o crente pode conhecer a vitória por meio do sangue de Cristo já nesta vida no que diz respeito à *“condenação e castigo”* do pecado. O pecado do crente é apagado do *“livro da justiça de Deus; não será mais lembrado como motivo para uma sentença legal e judicial contra o pecador. Embora a natureza do pecado não deixe de ser pecaminosa, ainda assim o poder do pecado deixa de ser condenatório. A sentença da Lei é revogada, o direito de condenar é removido, e o pecado não lhes é imputado (1 Coríntios 5:19)<sup>160</sup>”*. Ambrose afirmou: — *“Alegremo-nos em Jesus [...] Ele bebeu todo o cálice da ira de Deus e não deixou nada para nós? Qual deve ser nosso sentimento senão o de júbilo? Almas preciosas! Por que estais temerosas? Não há morte, não há Inferno, ‘não há condenação alguma para os que estão em Cristo Jesus’ (Romanos 8:1)<sup>161</sup>”*.

Goodwin cita Hebreus 10:14 — *“Pois com uma só oferta aperfeiçoou para sempre os que estão sendo santificados”* — e fez o seguinte comentário: — *“Sua oferta, embora apenas uma, ainda assim foi uma oferta perfeita, sem faltar nada; uma vez foi suficiente; tem poder e mérito eternos, pois aperfeiçoa para*

---

<sup>159</sup> Charnock, “Knowledge of Christ crucified”, in: Works, 4:506.

<sup>160</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:516.

<sup>161</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 400.

*sempre*<sup>162</sup>”. Isso não significa, porém, que o sangue de Cristo nos purifica perfeitamente no tempo presente de toda consciência de pecado e dos estímulos do pecado. Os crentes “*precisam de perdão diário para pecados diários*<sup>163</sup>”. Contudo, em suas batalhas contínuas com o pecado o crente está a caminho da vitória. Charnock fez uma descrição vivida a respeito disso: — “*Às vezes, algumas fagulhas da Lei abrasadora reluzirão em nossa consciência, e a paz do Evangelho será colocada debaixo de um véu. O sorriso do semblante de Deus parece ter se transformado em carranca, e o sangue de Cristo parece ter escasseado. As provas podem ficar obscuras, e a culpa pode ressurgir. Satanás pode acusar, e a consciência não sabe como lhe responder. A ferida pode tornar a incomodar de noite, e a alma ficar não apenas longe do consolo como também recusar consolo quando está disponível. Haverá manifestações de incredulidade, falta de confiança em Deus e neblina densa vindo do lago pantanoso da natureza humana*<sup>164</sup>”. Charnock passou a falar de nossa purificação: — “*Mas ela lançou um alicerce perfeito, e no fim será assentada a última pedra de sentido e consolo plenos. A paz será como um glorioso pôr-do-sol sem uma única nuvem, um triunfante irromper de amor sem nenhuma flecha de ira incrustada na consciência; uma doce tranquilidade sem sussurro prenunciador algum de tempestade violenta; a culpa do pecado será para sempre varrida da consciência bem como apagada do livro de Deus. O acusador não mais nos acusará, seja diante de Deus, seja diante de nós mesmos; ele não apresentará nenhuma nova incriminação no tribunal da consciência; pelo contrário, a própria consciência será para sempre purificada e cantará um “requiem” sem fim e um hino de paz, e não ouvirá o sussurro desaprovador nem mesmo da menor acusação de crime. Assim como a justiça de Deus não terá registro algum para condenação, de igual maneira a consciência não terá registro algum para acusação. O sangue*

---

<sup>162</sup> Goodwin, “Reconciliation by the blood of Christ”, in: Works, 5:510.

<sup>163</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:517.

<sup>164</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:515.

*de Cristo será perfeito em todos os seus efeitos. Assim como rasgou o véu entre Deus e nós, da mesma forma rasgará o véu entre a consciência e nós; não mais carrancas de um lado, nem conflito algum do outro*<sup>165</sup>”. Charnock então concluiu: — “O sangue de Cristo acalmará as ondas, expelirá a imundície e coroará a alma com uma vitória eterna. Os ‘espíritos dos justos’ se tornam, então, ‘perfeitos’ (Hebreus 12:23)<sup>166</sup>”.

*Alegria celestial por meio do sangue.*

Os puritanos tinham gosto especial pela meditação sobre o céu; nenhum outro assunto é mencionado com tanta frequência em todos os seus livros. Goodwin afirmou que Cristo nos eleva a uma posição ainda mais alta do que a de Adão antes da queda, pois nos dá uma “abundância de graça e justiça”, de modo que “reinaremos na vida, seremos reis no céu<sup>167</sup>”. Nas palavras de Charnock, o céu é consolidado e preparado pelo sangue de Cristo. De acordo com a Lei contra o pecado, nosso corpo deveria ser reduzido a pó e nossa alma deveria estar debaixo da sentença da ira de Deus. Mas nosso Salvador crucificado comprou a redenção de nosso corpo, o que será demonstrado com uma ressurreição (Romanos 8:23), uma proteção permanente de nossa alma num local de bem-aventurança, ao qual os crentes ascenderão de verdade e no qual habitarão, o que é denominado posse adquirida [...] Com o pecado, perdemos o paraíso, e com a cruz ganhamos o céu<sup>168</sup>. Ambrose assim se expressa a respeito do assunto: — “É o sangue de Cristo que rasga o véu e abre caminho para o Lugar Santíssimo, ou seja, para o reino dos céus; sem esse sangue não há acesso algum a Deus; é apenas pelo sangue de Cristo que o céu está aberto às nossas

---

<sup>165</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:515 – 516.

<sup>166</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:516.

<sup>167</sup> Goodwin, “Reconciliation by the blood of Christ”, in: Works, 5:510.

<sup>168</sup> Charnock, “Knowledge of Christ crucified”, in: Works, 4:503.

*orações e aberto para nós. Esse sangue é a chave que abre o céu e deixa entrar as almas dos redimidos dEle<sup>169</sup>”.*

*Lições práticas que estimulam a piedade.*

Para estimular a piedade, os puritanos apresentam as seguintes lições práticas aprendidas do sangue expiatório de Cristo.

[1] – *Se não somos pessoalmente salvos pelo sangue de Cristo, estamos no caminho da condenação.*

Quem não se interessar pela salvação de sua própria alma mediante o sangue purificador jamais será liberto de sua culpa. Continuará incrédulo enquanto permanecer nessa condição. Charnock escreveu: — *“O sangue de Cristo está tão longe de purificar um incrédulo de todo o pecado que, pelo contrário, prende ainda mais tenazmente os pecados nele. A incredulidade ata os pecados de forma ainda mais forte, de modo que as violações da Lei se apegam ainda mais à pessoa, e a ira de Deus paira sobre ela<sup>170</sup>”.*

[2] – *A misericórdia de Deus é ministrada apenas com base no sangue de Cristo.*

Charnock afirmou: — *“Não se deve esperar que a mera misericórdia ofereça liberdade da culpa do pecado”.* Ele enfatizou ainda que, na época do Antigo Testamento, o sumo sacerdote não podia se aproximar do propiciatório sem levar sangue (Hebreus 9:7), e *“o próprio Cristo, tipificado pelo sumo sacerdote, não espera que nenhum de seus seguidores alcance misericórdia a não ser pelo mérito do sangue dEle<sup>171</sup>”.* A misericórdia de Deus

---

<sup>169</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 384.

<sup>170</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:522 – 523.

<sup>171</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:523.

é uma misericórdia justa. O sangue de Cristo é o único meio de justificação e salvação. Como tudo que pensamos, dizemos e fazemos é por natureza corrompido pelo pecado, então tudo que fazemos acentua nossa condenação. Visto que nenhuma de nossas obras é perfeita, nenhuma pode nos justificar. Tudo que fazemos está aquém da glória de Deus (Romanos 3:23). A maneira que Deus justifica pecadores tira de nós toda glória em nós mesmos ou nossa própria justiça.

*[3] – Nossa esperança de salvação repousa no fato de a justiça de Cristo ser imputada a nós.*

Como é confortante saber que o sangue de Cristo purifica — isso mesmo, torna totalmente limpo — de todo — isso mesmo, todo — pecado, e experimentar isso. Nenhum pecador poderá jamais dizer que a reparação feita por Cristo não é suficiente para anular seu pecado. Isaac Ambrose afirma que a reparação feita por Cristo não somente é “*abundante e plena*”, mas também que sua “*morte e sangue são superabundantes para nossos pecados: — ‘a graça de nosso Senhor transbordou [hyperepleonasen]’ (1 Timóteo 1:14); ela excede, é superabundante, mais do que suficiente*”. Ele continua: — “*Muitas almas humildes chegam a ponto de se queixar, dizendo: — ‘Ab! se eu não tivesse sido um pecador tão grande, se eu não tivesse cometido estas e aquelas transgressões, talvez houvesse esperança*”. Isso é subestimar a redenção de Cristo; é pensar que há mais no pecado para condenar do que nos sofrimentos de Cristo para salvar, enquanto para Cristo todos os teus pecados não passam de uma nuvenzinha diante do sol glorioso; isso mesmo, diante dos méritos de Cristo todos os pecados de todos os homens do mundo não passam de uma gota no oceano. Digo isto não para incentivar o pecador insolente, pois infelizmente não participa dessa reparação, mas digo para consolar o pecador humilhado, que está sobrecarregado com a consciência de seus pecados. Embora

*estes sejam um fardo maior do que ele possa carregar, não são maiores do que Cristo consegue carregar. No sangue de Cristo há um tesouro infundo, capaz de santificar a ti e a todo o mundo. Na morte de Cristo há um resgate, um “contrapreço” suficiente para redimir todos os pecadores que já existiram ou que ainda virão a existir<sup>172</sup>”.*

[4] – *A reparação de sangue feita por Cristo deve nos fazer prantear profundamente por causa de nosso pecado que o pregou na cruz.*

Sobre esse assunto, Isaac Ambrose reflete bem a típica compreensão puritana: — *“Ah! Quanta maldição e amargura nossos pecados causaram a Jesus Cristo. Quanto a mim, só refletir naquelas veias sangrando, naqueles ombros machucados, naqueles lados açoitados, naquelas costas marcadas, naquelas têmporas furadas, naquelas mãos e pés traspassados, e então considerar que meus pecados foram a causa de tudo isso, parece-me suficiente para concluir que não preciso de mais argumento algum para me detestar! Cristãos, acaso o vosso coração não se insurgiria contra aquele que matasse vosso pai, mãe, irmão, esposa, marido, os relacionamentos mais próximos em todo o mundo? Como, então, o vosso coração e a vossa alma devem se insurgir contra o pecado? É certo que foi vosso pecado que assassinou a Cristo, que o matou, que, acima de todos os relacionamentos, é um milhão de vezes mais precioso para vós do que pai, mãe, marido, filho ou quem quer que seja. Um só pensamento desses, ao que me parece, já deveria ser suficiente para levar-vos a dizer, como Jó — “Por isso me desprezo e me arrependo no pó e na cinza” (Jó 42:6). Ah! Que cruz é aquela nas costas de Cristo? Meus pecados. Ah! Que coroa é aquela na cabeça de Cristo? Meus pecados. Ah! Que prego é aquele na mão direita e aquele outro na mão esquerda de Cristo? Meus pecados. Ah! Que lança é aquela no lado de Cristo? Meus pecados. Que pregos e feridas*

---

<sup>172</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 382.

*são aqueles nos pés de Cristo? Meus pecados [...] Ah! Meus pecados, meus pecados, meus pecados!*<sup>173</sup>”.

[5] – *Ninguém que vem a Cristo com fé e arrependimento será mandado embora.*

Àqueles que receiam que Cristo não os aceitará porque estão cheios de pecado e durante tantas décadas pecaram ostensivamente contra Ele, Thomas Goodwin aconselha: — “O texto (Colossenses 1:19, 20) afirma que “Cristo tinha toda a plenitude para reconciliar”. E, pelo fato de não poderes estar mais cheio de pecado do que Ele está cheio de justiça, há o suficiente para te perdoar: — “Ele é capaz de salvar ilimitadamente”, sejam as circunstâncias infinitamente ruins, sejam as questões infinitamente vis [...]. Considera que essa plenitude [...] habita há mais tempo em Cristo [...] do que o pecado reside em ti; isso mesmo, ela habitará nEle para sempre, é uma justiça eterna<sup>174</sup>”. Nas palavras de Goodwin, “não importa o quão perverso seja o teu coração e o que está registrado a teu respeito, tu recebes [a salvação] bastando que desejes vir até Ele”, pois Ele se compraz em salvar os principais dos pecadores<sup>175</sup>.

[6] – *Ansiemos pelo sangue de Cristo com mais fervor e constância.*

Ambrose afirmou que devemos orar diariamente por essa tendência e então acrescentou: — “Ah! Meu Jesus! Peço-te que cultives em mim desejos ardentes, anseios intensos, gemidos inexprimíveis, suspiros profundos: — ‘Que eu seja como a terra seca e sedenta que está fendida e rachada e se abre para as gotas de chuva! Quando meu espírito tem à disposição correta, sinto que (às vezes) almejo pelo sangue de Cristo, mas como duram pouco esses desejos! Quão indignos são

---

<sup>173</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 372.

<sup>174</sup> Goodwin, “Reconciliation by the blood of Christ”, in: Works, 5:516.

<sup>175</sup> Goodwin, “Reconciliation by the blood of Christ”, in: Works, 5:516.

*das coisas desejadas! Vem, Senhor, incendeia-me com desejos inflamados e ardentes e, então, dá-me o objeto desejável<sup>176</sup>”.*

Você foi lavado no sangue de Cristo? Em caso negativo, peça a Deus que lhe mostre sua doença e corra até o sangue de Cristo hoje para receber o único tratamento de que dispõe. E, como crentes — *“visto que a cada dia contraímos culpa, apliquemos o remédio todos os dias”*. Que nenhum de nós descanse sem experimentar todos os dias que *“o sangue de Jesus nos purifica de todo pecado<sup>177</sup>”*. Afinal, tal experiência é o objetivo da piedade puritana — viver cada dia à sombra da cruz.

Mais uma vez, diz acertadamente o Dr. A. A. Hodge: — *“Este sacrifício seria sumamente irrelevante se fosse algo menos que absolutamente necessário, em relação ao fim destinado a ser atingido – isto é, a menos que fosse realmente o único meio possível de salvação do pecador. Certamente Deus não teria feito do seu Filho um sacrifício de brinquedo, para satisfazer um capricho da vontade”*.

Nem todos os flagelos e maldições que foram derramados ou as pestes que serão precipitadas sobre o mundo perverso, nem a violenta fornalha ardente da consciência de um miserável pecador, nem a condenação irreversível veementemente pronunciada contra os demônios rebeldes, nem os urros de dor daqueles que apodrecem enfermos desamparados, nem o desespero da morte prematura de um nascituro, nem os gemidos e gritos atormentados das criaturas condenadas ao castigo eterno, oferecem uma demonstração tão clara do ódio de Deus contra o pecado quanto a ira de Deus que é derramada sobre seu Filho na cruz do Calvário; e acham os homens que podem questionar a Deus sobre toda calamidade que ocorre no mundo; entretanto, “[...] do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda

---

<sup>176</sup> Ambrose, Looking unto Jesus, p. 384 – 385.

<sup>177</sup> Charnock, “Cleansing virtue of Christ’s blood”, in: Works, 3:531 – 534.

impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça [...]” (Romanos 1:18) — os ímpios irão admitir e confessar que a autojustificação não passa de trapos sujos de purulência (pus), de pútrida carne infectada de lepra ou de fluidez e secreção menstrual (Isaías 64:4).

*De maldito me tornei filho de Deus, pois, Cristo se fez maldito por mim.*

O Filho Amado de Deus fez-se maldito, para que o maldito fosse feito filho amado de Deus (Gálatas 3:13); Ele fez-se pecado por mim, para que, nEle eu fosse feito justiça de Deus (2 Coríntios 5:21). Ele é um verdadeiro Mediador entre pecadores mortais e o Justo imortal. Ele esteve próximo de mim mediante a fragilidade da minha natureza e de Deus mediante as perfeições da divindade; Ele possuía tanto a natureza que ofendera (humana) quanto a natureza que fora ofendida (divina). Por essa razão, é perfeito mediador entre Deus e os homens; uma natureza para agradar a Deus e uma natureza para compadecer-se de mim; a natureza mediante a qual podia sentir as aflições experimentadas pelo ofensor (eu) e suportar a miséria merecida pelo ofensor, para que pudesse tanto ter compaixão do ofensor quanto fazer a devida reparação por ele, “pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus” (Romanos 5:1, 2); para que o Filho fosse feito homem e morresse para que não morresse o homem pecador; Ele desejou gemer e sangrar para que eu não gemesse debaixo do olhar de reprovação do Pai e não sangrasse debaixo de sua ira. Deus não poupou o Filho para poder poupar-me; recusou-se a não feri-lo para poder alegrar-se demasiadamente em mim — eu “ainda” pecando quase que momentaneamente, é graça — encharcou sua espada no sangue de seu Filho para que ela jamais ficasse molhada com o meu sangue e para que sua bondade triunfe para sempre em

minha salvação; morrerei e gastarei minha saúde e vida para que Ele seja glorificado no definhar e esmorecer do meu ser, darei meu corpo como oferta.

*“Ó Senhor meu e Deus meu (tomo aqui as palavras do santo), que maravilha saber disso, como anseio te ver e viver eternamente ao seu lado, ajude-me meu Jesus amado a dar grande valor aos teus méritos e obra, aqui e para sempre. Amém!”*

É o olhar para o Cristo perfurado na cruz que perfura a nossa alma, fazendo-a sangrar de modo incruento sempre quando pensamos seriamente no sangramento de Cristo por nossos pecados (Zacarias 12:10) — no coração de todo crente que nasceu do alto tem a certeza de que foi devido cada pecado praticado que seu Senhor foi pregado na cruz do Calvário — motivo de comiseração por cada feito pecaminoso em tempo recentíssimo cometido e entristecimento por cada realização condenável experimentada; será que esse sangue tão puro e valioso não deve nos dar a conhecer que a perversidade do pecado era tão grande que o pecado não poderia ser apagado nem mesmo pelo sangue de toda a criação? Nem o sangue de toda criação seria suficiente — é assustadoramente enternecedor, à proporção que é, veementemente tocante. Não ficamos pasmos, boquiabertos diante do fato de que ninguém teve força suficiente para enfrenta-lo senão alguém igual a Deus? Senão alguém igual ao homem para sangrar até morrer? Tal assombro não deveria nos levar diariamente a reflexões penitentes, salutares e divinas?

A negação dessa exposição escriturística e teológica por parte de qualquer homem, denuncia-o como sendo — dado a realidade que nesse tempo é-nos oferecido riquíssimas obras históricas, piedosas, teológicas e exegéticas — um *“animal espiritual com espírito diabólico”* (Tiago 3:15). Ou *“um maldito filho do diabo”* (Gálatas 1:8).

**Plínio Sousa**, Reitor e Docente do Instituto Reformado Santo Evangelho – IRSE. Graduado em Teologia pela Universidade de São Paulo (USP) e Bacharel em Teologia pela FTNacional, Mestre em Teologia do Novo Testamento pela FTNacional e Master of Theology (ThM) pela Vox Dei American University (EUA), Pós-graduado em História da Igreja pela Universidade de São Paulo (USP); áreas que leciona, Teologia, Filosofia e História da Igreja.

ANUAL  
SUBSTITUIÇÃO